



N. 4-59

Coordenador — Major AMERINO RAPOSO FILHO.  
Instrutor da ECEME

## SUMÁRIO

### I — BASES FILOSÓFICAS

1. "Aspectos Fundamentais da Surpresa" — AMERINO RAPOSO FILHO, Maj.
2. "À Procura de uma Doutrina" — NEMO, Cel do Exército Francês.

### II — ORGANIZAÇÃO:

"A Guerra Moderna e a Organização Militar Brasileira" — ALVARO LÚCIO AREIAS, Cel.



## TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

## DOUTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

## REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

# I — BASES FILOSÓFICAS

## 1 — ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA SURPRESA

(Continuação ao número anterior)

Maj Art AMERINO RAPOSO FILHO

### 4 — FATORES CONDICIONANTES

a. São fatores que condicionam a surpresa, qualquer que ela seja e em qualquer fase duma determinada operação:

- a repartição irregular dos meios (iludir o adversário);
- o segredo dos preparativos (ocultar a intenção);
- a rapidez na execução da operação (velocidade).

É, como resumiu o Mal Foch: "segredo, astúcia e velocidade". Em verdade, tais fatores constituem os métodos e processos empregados na obtenção da Surpresa. Pelo menos, muitos autores assim consideram. Estamos com os que interpretam os fatores condicionantes mais como métodos do que, propriamente, envolvendo os processos. Também nesse sentido vamos considerar; daí tratarmos dos processos mais adiante.

#### b. Repartição Irregular dos Meios:

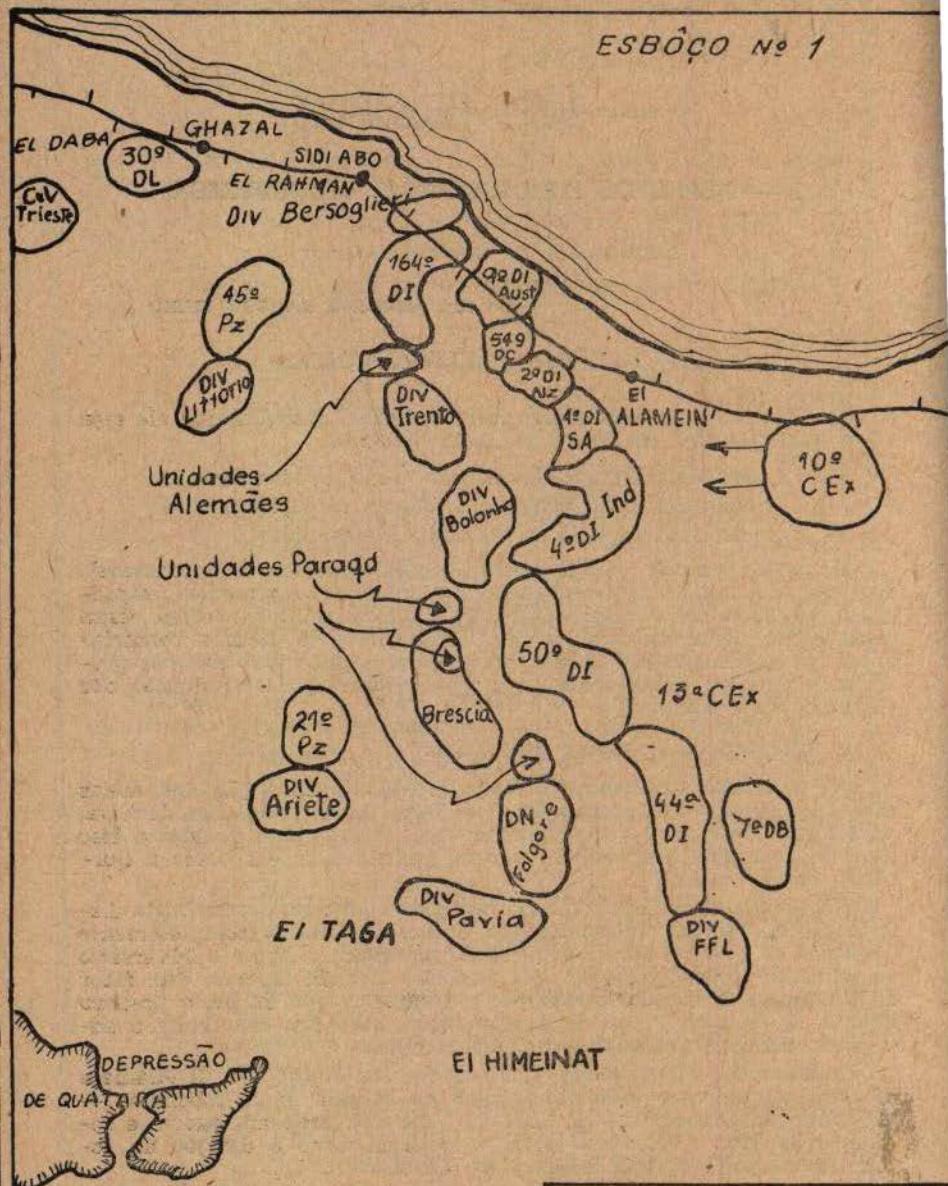
No domínio estratégico, principalmente, a repartição dos meios está mais ligada à concentração das forças para a batalha decisiva, para a ruptura e para o aproveitamento do êxito. Sem atender a esse aspecto, realmente importante, não se pode pensar em obter a Surpresa, mesmo tática.

Na realidade, porém, o que se pretende com uma determinada distribuição das forças, adotando uma ordem de batalha completamente diferente da que vai servir à operação principal, é iludir o adversário de todos os modos possíveis. Na Segunda Grande Guerra, este fator de tal forma se tornou importante e complexo que exigiu o preparo do que se chamou Plano de Dissimulação, cujo fim era iludir o adversário sobre a verdadeira manobra amiga.

O Marechal Montgomery relatou, em seu livro "De El Alamein ao Sangro", um caso interessantíssimo na batalha de El Alamein: — "O Plano de Dissimulação da batalha" foi elaborado em agosto e setembro de 1942. Visava a iludir o inimigo sobre a direção do esforço principal e a data do ataque. (Esboço n. 1).

Adotou-se como princípio de base da "dissimulação visual" a manutenção duma densidade de veículos constante em toda a zona de operações, de modo que o inimigo nada pudesse deduzir das fotografias aéreas tiradas diariamente. Manteve-se a densidade de veículos necessários ao ataque no setor N, desde 1º de outubro, com a ajuda de transportes para manter as dotações orgânicas das GU e com a

ESBOÇO N° 1



BATALHA DE EL ALAMEIN

construção de um grande número de falsas carroçarias. No momento da concentração das 51<sup>a</sup> DI, 2<sup>a</sup> Divisão neozelandesa e 10<sup>o</sup> C Ex, os meios de transporte não orgânicos foram substituídos, de noite, pelos meios orgânicos das GU interessadas. Adotou-se procedimento análogo para os canhões e reboques das unidades de artilharia de reforço.

As zonas de retaguarda dessas unidades conservaram o mesmo número de veículos, graças ao artifício das falsas carroçarias. Dissimularam-se os depósitos e, um mês antes do ataque, foi sendo preparado o terreno para a infantaria lançar-se ao assalto.

Ao mesmo tempo tomaram-se medidas ativas, a fim de dar ao inimigo a impressão de que o esforço seria feito pelo sul.

Em fins de setembro, iniciou-se a construção dum falso oleoduto, calculando-se o ritmo do trabalho de tal modo que desse a impressão de seu término na primeira quinzena de novembro. Igualmente, a construção dos falsos depósitos foi iniciada por forma a dar a impressão que seriam terminados na mesma data. Para confirmar a idéia de que o ataque principal seria pelo S, utilizou-se o QG/7<sup>a</sup> DB, com seus meios de comunicações, dando a impressão de que as fôrças blindadas iriam para o S.

Segundo depoimento de vários oficiais franceses, que tomaram parte na operação, soube-se mais o seguinte:

- oito dias antes do ataque, a 1<sup>a</sup> Bda da "França Livre" pôs em movimento 150 caminhões vazios, depois do meio-dia, ao sol, procurando demonstrar que se tratava de movimentos de concentração.
- uma coluna móvel recebeu a missão de proteger a ala esquerda do VIII Ex, depois do paralelo de El Himeimat logo adiante da depressão de Quattara (mais ou menos 10 km<sup>2</sup> de área). Esta coluna contava com o "apoio" de uma Bda de carros de papelão e tela), reunidos 6 km mais a E. Durante algumas noites, utilizou-se uma camioneta com alto-falante reproduzindo, por meio de discos, o ruido duma coluna em deslocamento.

Tudo isso visava, exclusivamente, a manter o comando alemão na incerteza e a induzi-lo a conservar as reservas no S, afastadas da região do ataque principal.

A 22 Out iniciou-se a ofensiva aérea, que, a 23, atingiu sua intensidade máxima. A tomada do dispositivo das unidades nas bases de partida realizou-se na noite de 22-23. A infantaria passou toda a jornada de 23 nas trincheiras, sem ser percebida, tanto que não houve contrapreparação, o que prova ter havido surpresa tática.

O ataque, desencadeado às 232200, foi coroado de pleno êxito.

Muita razão tem o Gen De Lattre, ao dizer :

"Todo Plano de Operações deve, daqui para o futuro, comportar um Plano de Disfarce e um de Dissimulação, do mesmo modo que planos de informações, de comunicações e de emprêgo dos serviços".

c. *Segredo nos Preparativos:*

É a razão fundamental para se obter a Surpresa. De outra forma, não é possível pensar-se em surpreender o adversário, em qualquer escalão e sob qualquer forma.

Foi o caso da Invasão da Normandia, quando se obteve completa surpresa quanto à região de desembarque. Disse, a respeito, o Gen Eisenhower: "alcançamos um grau de surpresa tática que jamais ouvimos esperar. O inimigo ficou na dúvida, quanto a ser uma invasão ou, apenas, uma incursão em larga escala, enquanto nossa primeira vaga de assalto rumava em direção à praia".

O ataque a Pearl Harbour foi outro exemplo altamente significativo de segredo de planejamento, antes de se romperem as hostilidades.

Para Napoleão, "na guerra, o fator mais importante para um General é a manutenção do segredo de seus planos". No entanto, cada vez mais se torna difícil conservar-se em segredo qualquer planejamento. Seu principal inimigo é o tempo.

Para que seja possível iludir o inimigo quanto à nossa verdadeira intenção — isto é, depois de iludi-lo quanto ao que vamos fazer pelo Plano de Dissimulação — resta considerar o Plano de Disfarce, decorrência do Plano de Operações.

Focalizemos, para ilustrar este ponto, a ofensiva do V Ex/EUA, na Itália, na Batalha do Garigliano, em maio de 1944. O quadro consta do Esvôco n. 2, de modo esquemático.

A 15 Abr 44, tendo em vista não revelar ao Comando Alemão o ataque que o V Ex deveria realizar em maio, ficou decidido:

(1) — manter o ambiente de frente estabilizada na linha do Garigliano e, de resto, na Itália;

(2) — manter com atividades falsas as áreas de reunião e entrar em linha o mais tarde possível com as unidades que vão participar da ofensiva;

(3) — designar como linha de escurecimento total: Maciço — Rocca Morfina, só devendo ultrapassar esta linha as unidades designadas para a ruptura de Majo;

(4) — reduzir ao mínimo a abertura de depósitos além da linha de escurecimento;

(5) — não deslocar nenhum hospital antes do dia D, nem balizar os itinerários das unidades ao N do Volturno.

Ao mesmo tempo que seriam realizados exercícios de desembarque em Salerno, divulgar-se-iam programas de jogos esportivos, para depois do dia D.

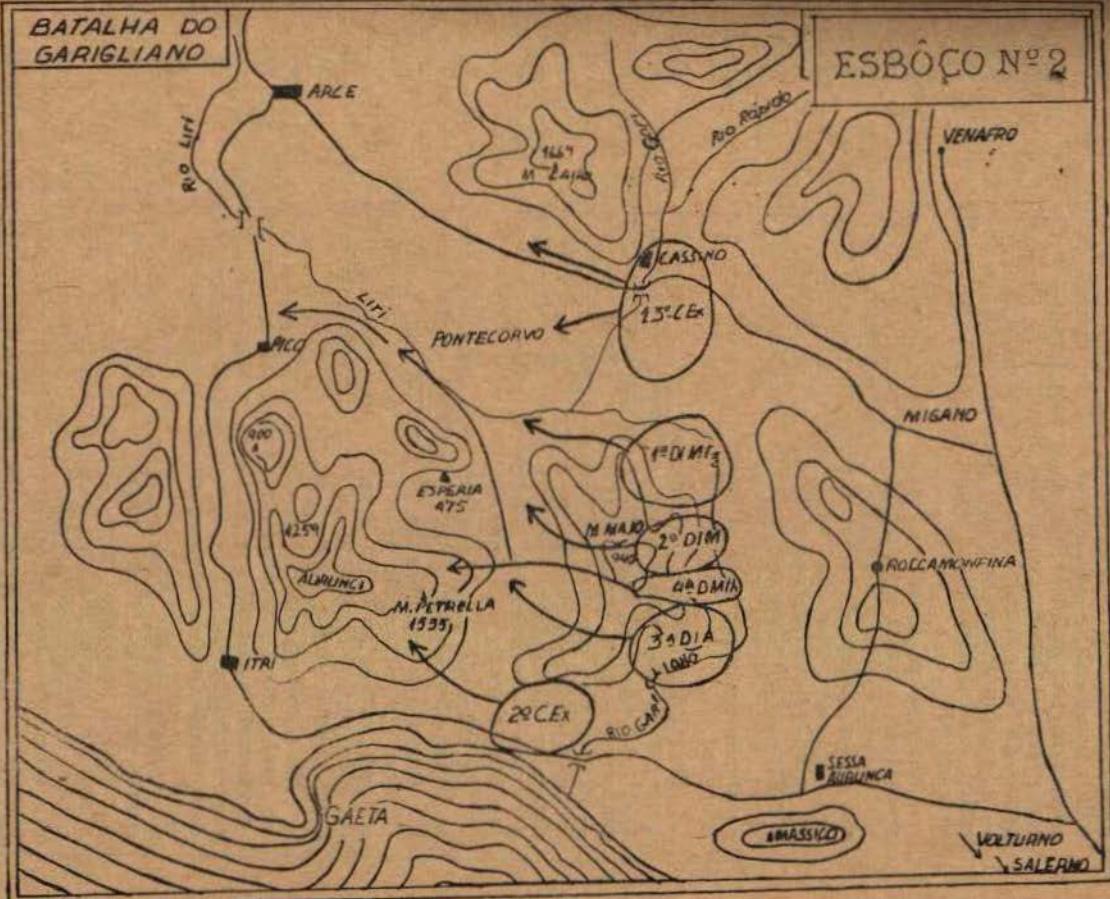
No entanto segundo depoimento do Gen Juin, Cmt do Corpo Expedicionário Francês, a despeito de todas essas medidas, o Gen Raapke, Cmt da 71<sup>a</sup> DI alemã, que se encontrava em linha na cabeça-de-ponte do Garigliano, percebeu os preparativos para a ofensiva aliada. Este fato mostra a dificuldade de se manter absoluto sigilo, quanto à operação a realizar-se.

#### d. Rapidez na Execução das Operações

Quanto mais rápido for o desencadeamento duma operação, menos tempo terá o adversário para refazer-se e tomar suas contramedidas e, por isto, será levado a improvisar, em situação tanto mais desvantajosa quanto maior tiver sido o impacto da Surpresa. É indispensável, pois, para surpreender as forças adversárias: rapidez na concepção e decisão e principalmente, velocidade na concentração dos meios e na execução da operação, inclusive na exploração do sucesso obtido, para não se comprometer todo o êxito alcançado.

BATALHA DO  
GARIGLIANO

ESBOÇO N.º 2



Considerava Napoleão, como principais requisitos para o êxito nas operações militares, "velocidade, velocidade, velocidade". Assim foi na Campanha de 1800, na Itália, que deu à França a posse de quase toda a península, e cuja duração foi de, apenas, 29 dias. É de todos conhecida, por outro lado, a audaciosa Campanha de 1805, quando o corso genial abandonou a idéia de invasão da Inglaterra — mesmo depois de haver concentrado seu Grande Exército na costa da Mancha — e, em fulminante operação, que durou menos de um mês, surpreendeu o adversário em Ulm, e lançou-se, pouco depois, sobre Iena e Auerstedt.

A Surpresa, por si só, não basta; é necessário dar o máximo de velocidade à massa de manobra que procura a decisão. As excelentes vitórias de Frederico, o Grande, considerado um dos maiores capitães da guerra, sobretudo pelas audaciosas manobras em frente oblíqua — e aí estão, entre outras, Leuthen, Rossbach e Liebnitz — foram, na totalidade, conseguidas à base da velocidade. Quando não conseguia a rapidez, na concentração dos meios e na tomada do dispositivo, a procurava, principalmente, na conduta das operações, aumentando de intensidade o impulso ofensivo, à medida que o êxito se esboçava.

Em última análise, procurar romper o dispositivo adversário, sobrepor-se à sua ofensiva por audaciosa reação no seu ponto vulnerável; obrigá-lo, enfim, a atuar de maneira desfavorável e inopportamente — tudo, evidentemente, em ritmo de velocidade crescente — nada mais é do que combinar atitudes e direções, isto é, manobrar. Estamos, então, diante de um outro princípio relevante, do qual vai depender, fundamentalmente, a rapidez da Surpresa, principalmente a manobra diversionária, visando a iludir o adversário, fazendo com que él desvende seu dispositivo.

As ações diversionárias têm sido desentadeadas desde os tempos mais remotos. Busquemos, no entanto, exemplos da última guerra.

Durante a manobra do V Ex/EUA, em janeiro de 44, ao S de Cassino, em conjugação de esforços com a operação anfíbia de Anzio, foi determinado ao C Ex Francês que realizasse ataques na sua zona de ação, com a finalidade de fixar o maior número possível de unidades alemãs, que pudesse acorrer a Anzio.

No planejamento da invasão do continente europeu, a realizar-se em junho de 44, previram-se várias ações diversionárias, na faixa compreendida pelo Passo de Calais e a costa da Bélgica. Tais operações induziram o Alto Comando alemão à dúvida quanto ao verdadeiro local de desembarque da operação Overlord.

Convém frisar, finalmente, que o êxito da Surpresa, principalmente estratégica, ficará na dependência de meios que, não tendo participado da ação inicial, poderão prosseguir na operação, num ritmo cada vez maior, por forma a impedir qualquer tentativa de recuperação do adversário, aniquilando-o de modo completo. Um exemplo afirmativo do que acabamos de dizer, está na fulminante ofensiva alemã de maio de 1940, na Frente Ocidental. Pois, em que pese ter sido possível ao Alto Comando alemão, em 40, explorar ao máximo e em todos os sentidos as vantagens da Surpresa:

- com relação ao dia D, depois de várias investidas falsas;
- quanto ao ponto de aplicação do esforço principal, finalmente buscado através das Ardenas, sobre o obstáculo do Mosa;

- no que diz respeito aos meios empregados: aviões, carros, viaturas motorizadas, etc;
- no que tange aos métodos e processos de combate;
- com relação ao ritmo impôsto à fase da ruptura das posições aliadas;

contudo o que mais surpreendeu aos aliados foi a impressionante velocidade de exploração do êxito inicial, com as formações blindadas e motorizadas que desembocavam das brechas, sem que o Alto Comando aliado pudesse intervir com suas Reservas Estratégicas, a tempo de remediar a situação. Portanto, houve velocidade na manobra alemã durante as fases iniciais da operação. No entanto, foi na fase final que se verificou a rapidez levada ao máximo, à exaustão.

Magnífico ensinamento que os alemães tiraram dos estudos profundos das ofensivas da 1<sup>a</sup> Grande Guerra, em 1914 e em 1918. Daí viram êles que de nada valia a Surpresa e sua obtenção à base da velocidade, se não fosse possível aproveitar o êxito do sucesso alcançado. Donde o fracasso da manobra de ala de Schlieffen e as das fulminantes ofensivas de Ludenoff, em 1918, no final do conflito.

### 5 — PROCESSOS EMPREGADOS

Como já tivemos oportunidade de assinalar, ao tratar dos Fatores Condicionantes, os processos de um modo geral, também aí estão incluídos. Contudo, considerando, como estamos, que os métodos dizem mais respeito com as medidas amplas e conjuntas que têm em vista obter a Surpresa da maneira mais econômica, eficiente e decisiva, restam, como processos, as providências de caráter restrito, técnico e de emprêgo dos meios, consoante o estágio e as possibilidades das estruturas organizacionais.

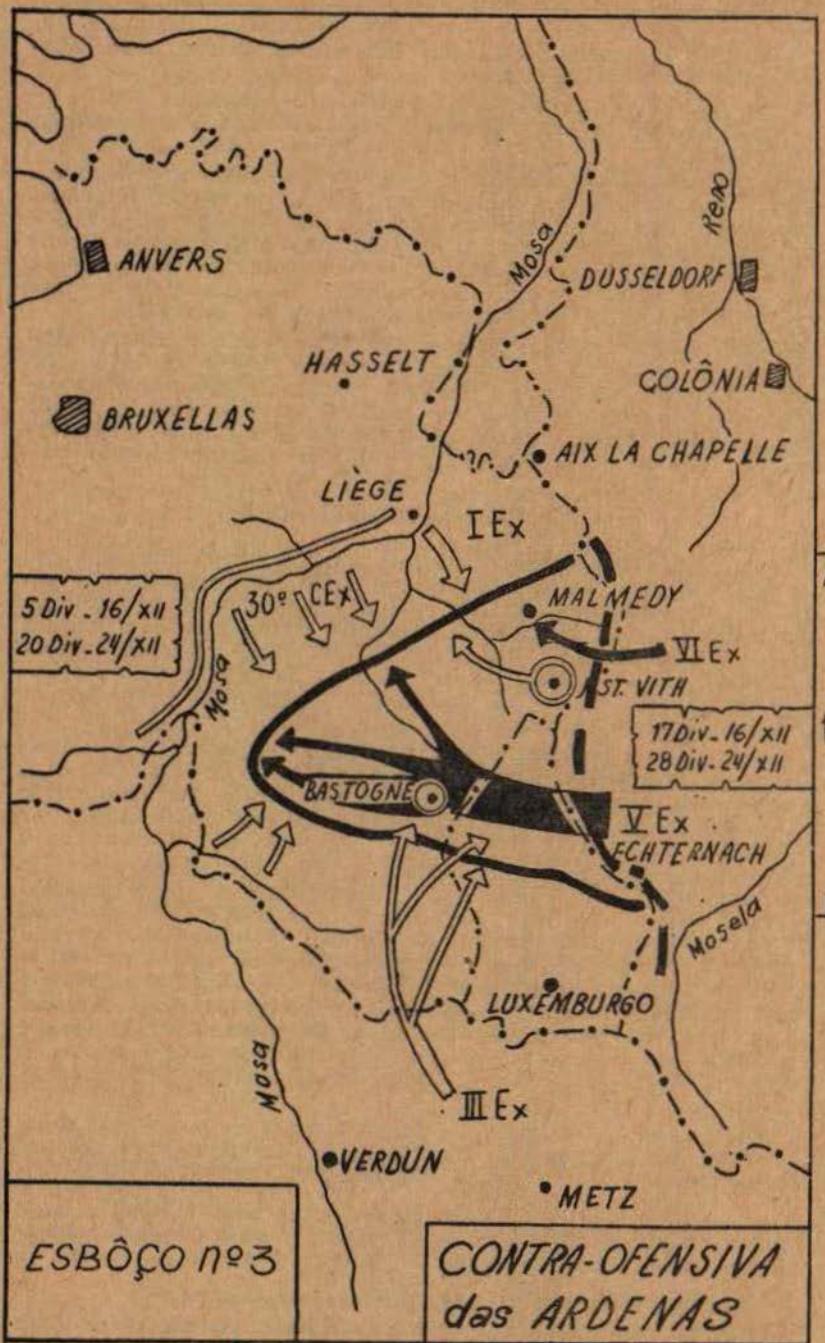
Assim é que a preparação de artilharia, o lançamento simultâneo de tropas aeroterrestres e o ataque noturno serão providências que, tais sejam seu desencadeamento, contribuirão para a Surpresa surgir numa operação. São processos, não há dúvida, mas condicionam, por outro lado, a Surpresa.

A variação dos processos é muito grande, comportando muitas vêzes providências que antecedem o desencadear de uma operação ou de uma guerra. É o caso, por exemplo, dos artifícios usados pelos norte-coreanos, antes da invasão da Coréia do Sul, a 25 de junho de 1950. Realizaram de 10 a 15 concentrações de tropas em locais próximos à fronteira, numa bem organizada manobra de guerra de nervos, visando a fatigar o adversário por meio de falsos alertas. Ora, que a guerra estava para iniciar-se, não havia dúvida; no entanto, tratava-se de adotar um procedimento que surpreendesse o inimigo quanto ao momento da ofensiva. E o objetivo, foi plenamente atingido.

Para melhor apreciarmos um certo número de processos, utilizados já no fim da Segunda Grande Guerra, focalizemos alguns aspectos da contra-ofensiva alemã das Ardenas (Esbôço n. 3).

O resumo do que disse Liddel Hart, no seu livro "O Outro Lado da Colina", permite observar que as idéias iniciais de Hitler apresentavam, entre outros, os seguintes pontos:

- o ataque seria desencadeado durante o dia, às 1100;
- haveria uma forte preparação de artilharia, começando às 0730;



- contaria com forte apoio aéreo, incluindo bombardeios dos PC
- e entroncamentos;
- as DB só seriam engajadas, depois de rompida a frente pela infantaria.

Eram medidas que resultavam, sem dúvida, da amarga experiência da primeira grande reação alemã, depois do desembarque aliado na Normandia.

Os resultados da fracassada contra-ofensiva de Mortam, à base de potente ataque noturno de 4 DB sem preparação de artilharia e desprovisto de apoio aéreo, ainda estavam bem presentes na lembrança de Hitler. Portanto, os processos deviam ser mudados. Foi quando o Gen Manteufel, que tomara conhecimento desses detalhes por intermédio de Model, resolveu ponderar diretamente junto a Hitler, a quem informou que:

- seria prematuro fixar, desde já, o dia da contra-ofensiva; dada a estação do ano, a participação da F Ae não poderia ser considerada como certa. Talvez os aviões nem pudessem voar;
- as DB não deveriam participar do combate, durante o dia, dadas as possibilidades da F Ae aliada;
- a preparação da artilharia iria revelar a intenção aos americanos, que teriam 3h30 para prevenir-se contra o ataque;
- seriam limitadas as possibilidades da infantaria, não sendo de esperar penetração profunda no dispositivo adversário (a PR dos americanos estava muito à retaguarda e, na frente, havia apenas uma linha de pontos de apoio).

Em consequência dessa argumentação, Hitler aprovou as sugestões de Manteufel que, em resumo, eram:

- o assalto às posições aliadas seria realizado às 0530, sob a proteção da noite;
- não haveria preparação de artilharia; durante o ataque, seriam realizados bombardeios apenas sobre os objetivos-chaves (Posições de baterias, depósitos de munição e PC);
- seria constituído um Btl de assalto por DI, composto de oficiais e homens altamente selecionados, com a missão de, às 0530, infiltrar-se nas posições americanas, evitando o combate, e nelas penetrar profundamente;
- a infiltração seria facilitada pelo luar artificial proporcionado pelos projetores de DCA;
- os carros só seriam lançados no fim da jornada, às 1600, hora em que anoitecia; ultrapassariam os Btl de infantaria para poder atacar a PR na madrugada seguinte.

Tais medidas e, mais, outras relativas ao planejamento geral da operação, como as referentes ao terreno e à região defendida pelos aliados naquele mês de dezembro de 44, evidenciam um grande número de processos empregados, visando a surpreender o adversário. São elas, segundo o Ten-Cel Giroult:

a. Escolha do terreno e da direção da contra-ofensiva. De fato, a floresta das Ardenas constituiu obstáculo às operações de vulto, em que pese já ter sido atravessada em 40 pelas forças blindadas de Guderian. Por outro lado, a direção do ataque foi muito judiciosa, já

que oferecia segurança à manobra e facilitava a penetração nas retaguardas aliadas.

b. Ataque numa região fracamente defendida. Realmente, esta era a parte mais fraca de toda a frente de defesa aliada. Numa frente de 120 km, havia apenas cinco divisões, o que impunha a defesa em larga frente, à base de pontos de apoio nas primeiras linhas.

c. Concentração das tropas que vão participar do ataque, o mais tarde possível e durante a noite. Foi esse, outro ensinamento que ficou positivado na contra-ofensiva de Mortain. Os VIII e VI Ex Bld alemães participantes da operação, deslocaram suas divisões para regiões muito afastadas, por forma a não denunciar a manobra. As próprias unidades não sabiam do que se tratava; apenas reduzido número de oficiais de EM conhecia o plano verdadeiro. Os próprios Cmt de Divisão só souberam da operação poucos dias antes do ataque.

d. As divisões que iriam cerrar para a contra-ofensiva, movimentar-se-iam com seus próprios meios — motores ligados — até atingirem a linha afastada de 10 km da linha de frente, a fim de que o ruído dos motores não fosse percebido pelos aliados.

Dai para a Linha de Frente, as viaturas eram puxadas por cavalos ou empurradas pelas guarnições.

e. A artilharia ocupou posição junto às estradas e os trens de munição cerravam até 8 km da linha de frente.

f. Tática de infiltração noturna: grupos de 30 a 40 homens penetrando profundamente no dispositivo adversário e eliminando seus pontos de apoio.

g. Ataque sem preparação de artilharia. Esse processo foi, aliás, muito empregado durante toda a guerra.

h. Ações sobre as retaguardas. Reviveram os alemães o processo de atuar nas retaguardas, agora empregando tropas terrestres. Na 150<sup>a</sup> Bda Pz, organizaram-se Comandos que foram acionados pelo Cel Otto Skorzeny. Esta tropa, equipada com material americano, inclusive jipes, e falando o inglês logrou infiltrar-se nas linhas aliadas.

i. Emprégo de Tropas Aeroterrestres. Foi o caso dos pára-quedistas do Cel Van Der Heydte, lançados a 16 Dez sobre a estrada que ligava Euben ao flanco N do setor avançado dos alemães.

j. Aproveitamento de condições atmosféricas desfavoráveis, visando a eliminar o ataque aéreo adversário, no início do ataque.

Vimos, deste modo, um grande número de processos adotados, tendo em vista contribuir para surpreender o defensor. Há, também, outras medidas de que os Cmt de diferentes escalões lançavam mão na defensiva, com a mesma finalidade. É o caso, por exemplo: de falsas posições de bateria, substituições de unidades e GU, etc.

## 6 — CONCLUSÕES GERAIS E TENDÊNCIAS

### a. Conclusões Gerais

Estamos chegando ao término do que nos propomos: conceituar a Surpresa e ao mesmo tempo caracterizar sua amplitude, suas diversas formas apresentadas, bem como configurar os fatores condicionantes de seu aparecimento; mais ainda, analisar diferentes manobras e operações, tendo em vista ressaltar, em todas elas, os diferentes elementos componentes, inclusive destacando alguns processos empregados para sua obtenção.

Vimos que a Surpresa influi poderosa e eficientemente na guerra, sendo tão antiga quanto as primeiras lutas travadas entre os grupos humanos, a elas estando ligada como verdadeira lei natural. Seu efeito moral mostramo-lo ser extraordinário, às vezes decisivo, para a sorte da batalha, da campanha e mesmo da guerra.

Não foi sem recorrer aos elementos que condicionam a possibilidade de levar o pânico, o terror, a desorganização ao adversário, visando a destruição total no mais curto espaço de tempo, que muitos chefes militares, não só do passado como do último conflito, tornaram-se notáveis. Mais do que evidenciada ficou a afirmativa do clássico da guerra, Clausewitz: — "A Surpresa é um meio para obter-se a superioridade; no entanto, pode ser considerada fator decisivo, por causa do seu efeito moral; segredo e rapidez são seus dois fatôres".

Por outro lado, procuramos deixar claro que é mais fácil se seguir a Surpresa, sobretudo a estratégica, no início dos conflitos, do que durante o seu desenrolar.

Das diferentes formas pelas quais se obtém a Surpresa, concluímos sobre a importância cada vez maior dos meios e recursos técnicos, que importam em surpreender o adversário, em vista do vertiginoso desenvolvimento técnico-científico-industrial. E é oportuno aqui pensar no relêvo da Surpresa estratégica num futuro conflito, dada a contingência de se desenvolverem os choques armados em grandes espaços operacionais e em frentes descontínuas.

Resumindo, diremos que à medida que a guerra evolui, a Surpresa cresce de importância. De simples artifícios e estratagemas de combate da antigüidade remota e clássica, alcançamos hoje internamente a um grau de complexidade tal, que se impõe um profundo e meticuloso planejamento, a ponto mesmo, de não se buscar a Surpresa exclusivamente na parte operacional militar. Ela deve preceder ao desencadeamento das hostilidades, como dizia Hitler, antes da Segunda Grande Guerra: — "O lugar da preparação da artilharia, para um ataque frontal da infantaria, na guerra de trincheira, será ocupado, no futuro, pela propaganda revolucionária, cujo objetivo será aniquilar o adversário psicológicamente, antes que os exércitos entrem em ação. A confusão mental, a contradição de sentimentos, a indecisão e pânico serão nossas armas... Quando o inimigo for desmoralizado internamente, quando estiver à beira da revolução, quando surgir a inquietação social — este será o momento preciso".

E aí está a Campanha da Frente Ocidental para dizer do valor da Surpresa Psicológica...

#### b. *Tendências Futuras*

Chegamos ao ponto culminante de nosso tema, que é o de assinalar algumas idéias sobre o conceito e o valor atual da Surpresa, no quadro da Guerra Atômica. Ficou evidente que o estudo feito serviu-nos para o balizamento da trajetória desse princípio de guerra, negligenciado por muitos e exuberantemente aplicado por outros, mas sempre com as características próprias da época, do estágio técnico-científico-industrial, das estruturas organizacionais e, pois, da própria doutrina de guerra vigorante.

Entretanto, dadas as formas novas com que a Guerra tende a apresentar-se, como decorrência do extraordinário e vertiginoso desenvolvimento dos diversos ramos de atividade humana, o qual possibilita

profundas modificações não só no quadro da Estratégia Geral e Operacional, como também nos compartimentos mais restritos da batalha e do combate, perguntamos nós:

- como evoluir as idéias e a concepção, a preparação e o planejamento, os métodos e os processos de obtenção da Surpresa?
- dentre as perguntas formuladas, e com relação ao "Que", "Como", "Onde" e "Quando", para a consecução do objetivo principal, qual a que terá prioridade sobre as demais?
- será buscada a Surpresa, no inicio de um futuro conflito pela associação do maior número de meios, processos e recursos que culminem numa perfeita integração de esforços — como foi o caso da Campanha na Frente Ocidental, em 40, do lado alemão — ou ela caracterizar-se-á pela simultaneidade das formas de surpreender o adversário, no tempo, porém, não se concentrando todas no mesmo espaço operacional?
- poder-se-á manter, ainda, como fatores condicionantes da Surpresa, os aspectos destinados a iludir o adversário, a ocultar nossa intenção e a imprimir o máximo de velocidade às nossas ações? Ou, então, haverá necessidade de revê-los para admiti-los, por exemplo, que um fator de alta relevância na guerra do futuro seja o ponto de aplicação das forças, que mais tem sido associado aos princípios da massa e da manobra e que, no que interessa com a Surpresa, tem servido para facilitar, não tanto sua obtenção, porém, mais os seus efeitos, suas consequências? Pois não será crível assim conjecturar, quando a guerra esboça-se em grandes frentes, com a vulnerabilidade das zonas de combate dos exércitos, ensejando ações ofensivas e defensivas de grande envergadura no próprio compartimento estratégico, as forças atuando em direções completamente divergentes e até em sentido contrário?
- a repartição irregular dos meios e o segredo dos preparativos, a fim de, simultaneamente, iludir o adversário e ocultar nossa intenção, no escalão estratégico, terão a ênfase que até a Segunda Grande Guerra se lhe conferia, ou isso será buscado mais no campo de batalha? A possibilidade de movimentar divisões de infantaria, blindadas ou aeroterrestre, num período menor que 24 horas, dentro dum mesmo TO ou até de um TO para outro, para obter-se a Massa, executando a Manobra no ponto decisivo, não será isso extraordinário? Principalmente se admitirmos tal região de aplicação do esforço nas zonas de retaguarda do adversário? Portanto parece-nos que a repartição irregular dos meios não será de destacar como condicionante da Surpresa. Será, antes, medida normal, em todos os escalões operacionais, menos para iludir o adversário, que para furtar-se ao impacto de seus meios.
- como poderemos pensar na colaboração inconsciente ou passiva do adversário, principalmente no inicio das hostilidades, quanto ao segredo, ao despistamento e às medidas de contra-informação? Os tratados internacionais, a propaganda insidiosa do inimigo provável, envolvendo os aspectos científicos de verdadeira guerra psicológica e fazendo das informações técnicas perfeita guerra de nervos onde, ao contrário de se esconderem certas descobertas e experimentações de engenhos, os governos

fazem o maior alarde possível; como tudo isso contribuirá para que a Surpresa reviva, na sua plenitude?

— haverá, ainda, adeptos dos "falsos conceitos"? Ou, melhor, poder-se-á admitir a existência dos chamados "falsos conceitos" num conflito onde a mobilidade e a vulnerabilidade das fôrças serão fatores culminantes da própria forma de guerra?

São tôdas, evidentemente, conjecturas formuladas, com base no que temos assistido na evolução da arte de conduzir as fôrças em campanha. Em verdade, estamos no limiar de novas concepções, novas formas, quando pensamos no preparo dos exércitos para uma possível Terceira Grande Guerra.

Imagine-se uma guerra futura, compreendendo, como assinala o Ten-Cel Giroult, da ESG da França: "operações noturnas em larga escala, e sob condições de tempo desfavoráveis; ações sobre as retaguardas; manobra defensiva-ofensiva em profundidade; os tipos de guerra psicológica, atômica, química, bacteriológica, radiológica; a chamada guerra das ondas; a guerra dos grandes espaços; e até a guerra meteorológica".

Como proceder-se, no sentido da obtenção das diferentes formas de Surpresa, para que se atinja, nas melhores condições, o objetivo da guerra, que é a destruição das Fôrças Armadas do adversário? Quando o objetivo deverá ser alcançado no menor espaço de tempo, uma vez que — na era das armas de destruição em massa, dos aviões de alta velocidade e dos engenhos-foguetes dirigidos — a fase inicial do futuro conflito deverá comportar ações à base da potência e da velocidade, como jamais se viu? Quando a massa perde aquela conceituação do passado — de concentração da maioria dos meios no ponto decisivo — para evoluir modernamente, tendo em vista a aplicação da potência no momento e local desejados? Quando o poder de manobra aumentou extraordinariamente o número de combinações tático-estratégicas das operações, com o advento da carga atômica e a possibilidade de lançar fôrças em qualquer região da zona de combate ou de retaguarda dos exércitos e, mesmo, do TO?

Como será óbvio, o esforço de qualquer planejamento, estratégico, operacional e tático, será no sentido de obter-se, no conjunto das fôrças que irão atuar num determinado TO, uma situação de desequilíbrio a processar-se em menor espaço de tempo e com a maior velocidade e potência possíveis, aproveitando-se, para tanto, a excepcional flexibilidade, que se intenta, dos exércitos da era atômica, o que lhe proporcionará acentuada mobilidade tática e estratégica. E será, certamente, surpreendendo o adversário, de modo violento e inopinado, que será possível romper-se o equilíbrio das fôrças.

Eis o valor da Surpresa nos dias que correm. E, para finalizar, vejamos o que diz o Gen Maxwell D. Taylor, com a responsabilidade de chefe do EME dos EUA, numa afirmativa que se reveste da importância de autêntica diretiva de planejamento e de como proceder para evitar a Surpresa:

"É muito perigoso nos entregarmos, rígidamente, a uma estratégia montada em torno de uma arma, para ser empregada de uma única maneira. A estratégia e as fôrças dos EUA devem ser suficientemente flexíveis, para fazer face a qualquer e a tôdas as armas — atômicas ou não; guerras locais ou generalizadas. Devemos estar preparados para fazer a guerra com armas atômicas e, ao mesmo tempo, para fazer a guerra sem elas ou empregando-as com certas restrições".

## Bibliografia

1. LA CULTURE DE L'OFFICIER — Cel Renauld
2. Doc EsCEME
3. LA SURPRISE — Ten-Cel Giroult
4. LES OPERATIONS EN EUROPE DES FORCES EXPÉDITIONNAIRES ALLIÉES — Gen Eisenhower
5. D'EL ALAMEIN AU SANGRO — Mal Montgomery
6. A GUERRA RELÂMPAGO — Ten-Cel F. O. Misksche
7. O OUTRO LADO DA COLINA — Cap Liddell Hart

\* \* \*

*Estudando aspectos da Mobilidade das Fôrças Terrestres durante e depois da 2<sup>a</sup> Grande Guerra, em operações que redundaram em vitórias e em reveses, assinala o Cel B. E. M. Close em artigo de agosto de 1957 de "L'Armée La Nation" (Bélgica) :*

*Este resumo dos sucessos e reveses causados pelo fator mobilidade no passado, permite-nos chegar às seguintes conclusões :*

- a) Os exércitos mais mecanizados não são necessariamente os mais móveis : podem ser imobilizados pela abundância de seus meios.
- b) A mobilidade tática de um exército depende da adaptação de seu equipamento, armamento e instrução à ocasião e ao TO onde é empregado.
- c) A organização, a cadeia de comando e o valor dos estados-maiores têm grande influência sobre a mobilidade.
- d) A mobilidade importa, além disso, em certo estado de espírito por parte do chefe. A falta de "mobilidade do espírito" conduz a planos pouco previdentes e a uma execução vagarosa. Por outro lado, um comandante de espírito vivo mas com poucos meios, não pode executar planos que, não fôr isso, teriam êxito.

*É de suma importância que o militar de alta ou baixa patente, não encontre na guerra coisas que, vistas pela primeira vez, lhe causem terror ou perplexidade.*

CLAUSEWITZ.

## 2 — À PROCURA DE UMA DOUTRINA

Cel NEMO, do Exército Francês

Traduzido da "Revue Militaire Générale" n. 3,  
de março de 1958

### NOTA DO REDATOR

Excelente estudo o que temos o prazer de submeter à meditação dos leitores de "A Defesa Nacional", e que visa ao estabelecimento de bases filosóficas para a estruturação de uma Doutrina Militar, que atenda às diversas formas da Guerra.

O que mais se destaca no trabalho do Cel NEMO — dividido em duas partes, a primeira das quais trata da análise das formas da guerra e é hoje apresentada — o que mais se recomenda é a clareza no desenvolvimento das idéias, a par de argumentação sólida e convincente, denunciando absoluta segurança do ponto de vista doutrinário. É assim que se pode ler, logo no começo: "Para arrastar com a guerra, não é suficiente possuir seus "eternos princípios" nem ter feito planos para as primeiras horas, os primeiros dias ou as primeiras semanas. É preciso uma Doutrina. De que forma, sem Doutrina, poder-se-ia eficazmente adaptar princípios e ensinamentos à realidade, tal como ela se apresenta? Como, sem doutrina, obter essa disciplina intelectual, que, só ela, pode assegurar a unidade de ação, desde o comandante-chefe até o mais humilde dos subordinados?".

E por aí vai o Cel NEMO, em excelente análise da realidade do pensamento militar atual, razão pela qual encarecemos aos camaradas o máximo de atenção às idéias expandidas.

Num dos próximos números de "A Defesa Nacional", reproduziremos a segunda parte desse trabalho que sairá com o título "Sugestões para o estabelecimento de uma Doutrina".

A. RAPOSO FILHO,  
Major.

Os sociólogos afirmam que a guerra é um fenômeno social, uma moléstia cujos sintomas foram muitas vezes estudados, porém cujas causas profundas — aquelas que resultam da própria organização das coletividades humanas e provocam, muito mais do que os motivos aparentes, sua constante repetição — têm sido deixadas de investigar. Pode-se imaginar o dia no qual elas terão, finalmente, determinado estas causas e encontrão o meio de combatê-las.

Se considerarmos que a guerra é realmente uma doença, seu verdadeiro especialista é o chefe militar, sobre quem recai a responsabilidade de tratá-la e curá-la.

Se a rapidez da evolução do mundo torna, cada vez mais, não só toda ciência conjecturável como suas leis precárias, é sem dúvida no domínio militar que esta rapidez de evolução faz sentir mais intensamente suas consequências.

A eventualidade de uma guerra, sempre criou um enigma, porém nos nossos dias, o aumento da potência de destruição — que não é equilibrada por nenhum progresso comparável, mesmo de longe, aos meios de proteção e de defesa, — nos coloca em frente de uma incógnita; é preciso reconhecer honestamente, que ignoramos a equação que permite calculá-la.

Sob outro aspecto a guerra fria é de certo modo uma garantia contra a guerra quente, porém ela aumenta muito mais do que diminui os riscos do desencadeamento de hostilidades generalizadas. O chefe militar, a despeito da incógnita diante da qual se encontra, pode inopinadamente ser chamado a agir.

Sem dúvida nunca tanta responsabilidade se apoiou sobre tão pouca certeza. Entretanto, para arrostar com a guerra, não é suficiente possuir seus "eternos princípios" nem ter feito planos para as primeiras horas, os primeiros dias ou as primeiras semanas. É preciso uma doutrina. De que forma, sem doutrina, poder-se-ia eficazmente adaptar princípios e ensinamentos à realidade, tal como ela se apresenta? Como, sem doutrina, obter essa disciplina intelectual, que, só ela, pode assegurar a unidade de ação, desde o comandante-em-chefe até o mais humilde dos subordinados? Como, sem doutrina, conduzir a instrução, principalmente a dos quadros e dos homens da reserva, que não podem consagrar toda sua atividade e todas suas meditações ao estudo dos problemas militares de seus respectivos escalões? É preciso uma doutrina tão objetiva quanto possível, apesar de todas incertezas presentes; estas, certamente, impõem dar-lhe uma forma diferente daquela a que estamos habituados. Sabemos que as doutrinas oriundas do último conflito estão, na sua maior parte, ultrapassadas. Possuímos armas cujo emprego eficiente — precisamos admitir sinceramente — ignoramos. Essas constatações, longe de nos desencorajar, devem nos estimular a pesquisar ainda mais. Este estudo foi escrito não com a intenção presunçosa de definir uma doutrina, mas com o objetivo mais modesto de participar na sua pesquisa. Ele comportará duas partes: na primeira esforçar-nos-emos por fazer uma análise objetiva, comparando a guerra nuclear com a guerra revolucionária e procurando determinar como elas se reunem na guerra total; na segunda, examinaremos as condições que se apresentam atualmente para a instituição de uma doutrina militar e formularemos algumas sugestões sobre esse problema.

#### GUERRA NUCLEAR, GUERRA REVOLUCIONÁRIA, GUERRA TOTAL

*Por que parece ser mais difícil hoje que outrora instituir uma doutrina militar?*

Os historiadores que estudaram a evolução das doutrinas militares no passado, geralmente têm assinalado, de uma parte, sua continuidade e, de outra, seu paralelismo, com a evolução do armamento.

Outrossim, parece natural e lógico atribuir as dificuldades e as hesitações atuais à evidente e brusca descontinuidade que o advento das armas nucleares ocasiona na curva da evolução do armamento. Alguns a compararam à oriunda do advento das armas de fogo; é possível que esta comparação seja justificada algum dia; nossas bombas atómicas por certo parecerão, no futuro, engenhos primitivos e grosseiros. Porém no momento, elas estão entrando em cena de forma espetacular e ruidosa; sua utilização foi imediata e não progressiva como a das armas de fogo; elas se tornaram rainhas dos campos de batalha e eclipsaram, fazendo parecer mesquinhos e ultrapassados, todos os outros meios de guerra.

Os progressos desses são, não obstante, consideráveis. Os *meios denominados clássicos ou convencionais* — e essas palavras dão uma impressão pejorativa de estagnação e de rotina — se transformaram completamente em algumas dezenas de anos. Se a curva de sua evolução não oferece descontinuidade, ao menos aparenta uma desorientação tal que sua forma e sua direção se encontram totalmente modificadas.

É suficiente evocar-se, por exemplo, os progressos da motorização, da aviação, das comunicações, para convencer-se rapidamente disso. Porém é possivelmente no campo de armamento leve que as modificações têm consequências as mais profundas, porque elas dão às *formações da infantaria* e, mesmo, ao *combatente isolado* um poder considerável, maior que outrora.

Não se saberia, portanto, subestimar a importância da *evolução recente* dos acontecimentos e dos equipamentos nucleares e clássicos, mas é preciso levar em consideração, também, um fator que os historiadores freqüentemente reputam de importância secundária — o fator social — com exclusão, sempre, das teorias marxistas que só têm querido ver na guerra, qualquer que seja a sua forma, *uma expressão da luta de classes*. O crescimento demográfico contemporâneo e mais do que isso as repercuções que os progressos das ciências e das indústrias têm levado às organizações e à estrutura das sociedades, aos seus intercâmbios e as suas produções, criam condições muito diferentes daquelas dos tempos passados. Na evolução social não é exagerado tampouco falar-se em rompimento, na verdade em descontinuidade da curva representativa e, ainda aí, só se leva em consideração fatos materiais.

Contudo uma semelhante transformação se realiza nos valores morais de uma parte e no aspecto exterior que os homens dão ao mundo e à vida em *sociedade*; o direito, os julgamentos de valor, as reações psicológicas e os processos intelectuais que eram impostos pela tradição estão sendo esquecidos. É impossível que a guerra como fenômeno social não seja influenciada por essas modificações profundas e, consequentemente, as *DOUTRINAS*.

Pode-se, portanto, dizer que existe atualmente uma *defasagem* entre a *evolução dos armamentos, das técnicas, das estruturas sociais, das opiniões de um lado, e a doutrina de outro*. As duas curvas da evolução jamais foram exatamente concordantes, porém geralmente eram muito próximas uma da outra e a concordância facilmente se realizava. Hoje essa defasagem é considerável; a evolução é tão rápida que perdemos o contato com ela. A doutrina não tem tempo de se adaptar à evolução; em lugar de se antecipar aos fatos ela se esforça por seguir os de longe; ao invés de dominá-los, ela a eles se *submete*. Sem recorrer à clássica alusão do aprendiz, de feiticeiro é preciso reconhecer sinceramente que o *espírito* perdeu sobre a matéria uma grande parte do poder quecreditava ter adquirido sobre ela; não tem mais liberdade de ação.

É, portanto, preciso que ele a reconquiste ou se adapte a uma nova situação. E é no drama dessa reconquista ou dessa adaptação que se torna necessário procurar, parece-nos, a explicação das nossas dificuldades e de nossas hesitações quando pretendemos estabelecer uma doutrina.

Quaisquer que sejam as *teorias sociológicas* sobre a guerra e sua exploração prática, o militar se encontra colocado diante de um problema concreto e imediato; pede-se-lhe que obtenha a vitória.

As *guerras*, parece-nos, podem ser classificadas em três categorias. Sabemos quanto de discutível e arbitrário têm tais classificações; elas são, entretanto, necessárias quando se quer ter uma visão clara das coisas.

Inicialmente, as guerras de equilíbrio; elas objetivam fazer impor, por uma coletividade a outra, uma solução determinada dum problema que não pode ser solucionado pelos meios pacíficos. Trata-se de encontrar uma fórmula de coexistência entre dois grupamentos humanos, cujo equilíbrio que satisfazia às necessidades ou desejos de um, era mantido em detrimento das necessidades ou dos desejos do outro. Elas têm por método o emprégo da força. Desde que se recorre a essa solução, o militar se torna o principal personagem e dispõe de completa liberdade relativamente ao emprégo dos meios mais eficazes de contenção. Na época atual, uma guerra de equilíbrio é, em consequência, uma guerra nuclear, seja porque os antagonistas possuem o armamento correspondente, seja porque pertencem a coligações que dêle podem dispor.

Em seguida, as guerras de expansão, que têm por finalidade fazer ocupar por um beligerante a totalidade do território do outro, ou eventualmente, uma parte sómente desse território que passa a fornecer, ao vencedor, recursos materiais suplementares. Elas, geralmente, começam por um ato brutal, um ato de força; rapidamente, porém, a necessidade de fazer colaborar os vencidos na exploração dos recursos desejados, faz com que a força seja substituída por processos mais sutis, que conduzam à assimilação mais ou menos pronunciada duma população pela outra, ou a adaptação das capacidades recíprocas em uma civilização de síntese. As invasões de outrora e as guerras coloniais dos nossos dias são exemplos dessas guerras de expansão. O militar não terá senão uma liberdade de ação relativa, no emprégo da força; ele se deve transformar em colonizador ou ceder o lugar a outros especialistas.

Finalmente, as guerras de substituição que têm por finalidade substituir as instituições representativas duma certa estrutura social por outras instituições que são a expressão legal ou habitual de novas estruturas. São essencialmente guerras civis.

Começam com atividades de ordem psicológica e econômica, que preparam e condicionam o ato de força geralmente necessário para atingir o resultado desejado. Em lugar de ser o iniciador, como nas guerras de expansão, o militar é, aí, aquél que conclui o trabalho já começado. Sua liberdade de ação é limitada, porque o emprégo da força é obrigatoriamente limitado a um objetivo bem definido e bem localizado no tempo e no espaço.

Parece-nos que as guerras de expansão e as de substituição, podem ser classificadas em uma única categoria, apesar das diferenças que acabamos de indicar. São duas formas de guerra diferentes da guerra revolucionária. Se as guerras de substituição parecem merecer, sem discussão, esse nome, é suficiente refletir nas consequências das guerras coloniais, por exemplo, e na verdadeira revolução que elas suscitam no seio das sociedades, para convir que elas não usurpam esta denominação. Uma guerra revolucionária pode, portanto, ser provocada do exterior ou do interior; é este fato que explica porque ela reveste a forma dupla pela qual nós a conhecemos atualmente.

Deter-nos-emos consequentemente, nessas duas formas de guerra que reunem todos os diferentes aspectos que podem impor as circunstâncias de momento e lugar: guerra nuclear e guerra revolucionária. Porém, antes de compararmos as condições nas quais elas se realizam, acentuaremos que toda guerra emprega diversos meios, segundo uma dosagem mais ou menos forte.

Quando falamos em guerra nuclear, jamais pensamos que sómente armamentos nucleares e clássicos nela são utilizados; incluímos também

os meios psicológicos e econômicos que completam os meios de força. Da mesma forma, a guerra revolucionária pode utilizar armas nucleares na proporção em que os atos de força necessitem de seu emprêgo.

Acabamos de indicar que as formas de guerra que enumeramos não se utilizam dos mesmos métodos e que a missão confiada ao militar é diferente em cada uma delas. Sem dúvida é interessante insistir nesse ponto.

A guerra nuclear atua pelo temor que nasce da destruição efetiva ou da ameaça de destruição. Esta destruição pode ser teoricamente uma verdadeira extermínio, em virtude da potência dos engenhos modernos. A guerra revolucionária, ao contrário, procura convencer uma opinião pública, antes, ou mesmo depois, do desencadeamento do ato de força; ela tem a pretensão de criar uma nova ordem social.

Ela é uma guerra de persuasão. A reunião dessas duas palavras em uma mesma expressão pode ser insólita, porém parece-nos justificada.

Guerra de violência, guerra de persuasão, a oposição dos dois termos faz compreender facilmente que os modos de ação militar são comandados por imperativos de natureza bastante diversos.

Pela imensidão das destruições que ela produz, a guerra nuclear parece ser realmente a última das soluções, uma espécie de solução de desespero, a qual os governantes só recorrerão após esgotados todos os demais meios capazes de solucionar suas divergências. Porém é preciso não esquecer os exemplos históricos; elas mostram que a vontade de um único homem pode, às vezes, desencadear conflitos e provam que, na maior parte das vezes, estes se originam do desenvolvimento rápido e quase inconsciente daquilo que os sociólogos chamam "impulsos belicosos" das coletividades. Em todo caso, uma tal guerra não eclode senão acidentalmente, porque só se pode considerar como accidental a impossibilidade absoluta de fazer convergir para uma solução pacífica a decisão de um ou a emotividade belicosa de dois grupos humanos.

A guerra revolucionária é a consequência e a continuação natural das rivalidades de tempo de paz; faz parte de uma manobra ampla, desenvolvida durante um longo período, do qual é uma fase episódica, e que considerações da estratégia geral ou uma ocasião favorável, a tornam desejável. Seu desencadeamento nunca é acidental, ao contrário se inscreve nos planos, como meio de pressão ou de aceleração de uma evolução.

Crise violenta, considerada como mal inevitável, a guerra nuclear deve ter a mínima duração.

Sua preparação é totalmente organizada e, de tal forma, que a execução seja rápida. Ela cria e mantém a esperança de guerra curta — a esperança ou o mito. Os chefes que conduzem a guerra revolucionária sabem perfeitamente que ela será longa; longa para conseguir convencer e mais longa ainda para ser organizada.

De uma parte a esperança da guerra curta, porque a guerra é uma calamidade; de outra a aceitação tranquila e raciocinada da guerra longa, porque a guerra é uma necessidade da vida social.

Para utilizar meios de destruição de grande potência é preciso evidentemente saber onde se encontram inimigos e amigos e qual é a linha que os separa, aquém da qual a destruição não é admitida e além da qual ela é indispensável.

A guerra nuclear tem, então, necessidade de uma frente; em virtude disso, terá o ritmo e a velocidade de uma guerra exterior clássica

e utilizará o combate frontal, de acordo com uma estratégia e uma tática que serão definidas mais adiante.

A guerra revolucionária revestir-se-á do aspecto de uma guerra civil, na qual se oporão, mais que nações e estados, indivíduos e partidos, opiniões e idéias. O combate frontal da guerra clássica será substituído pelo combate confuso, desordenado. A frente se voltará para a retaguarda, em lugar de ficar voltada para o exterior.

Decorre lógicamente do que acabamos de escrever que a guerra nuclear empregará, como principal meio de ação, a "fôrça" açãoada pelas forças armadas e a guerra revolucionária a "propaganda".

Certamente, em ambos os casos, serão utilizados vários meios; *fôrça, propaganda e economia* são os três "grandes" da guerra moderna.

A guerra nuclear levada ao extremo pode, rigorosamente, privar-se da propaganda para um inimigo que ela se propõe exterminar; porém, para as populações amigas, é preciso que ela justifique sua ação e seus métodos; e, sem ironia, pode-se admitir também que ela terá necessidade da propaganda, consoante suas regras, para ajudar os inimigos que não foram desruidos a fazer um exame de consciência. Ela, todavia, exige uma economia forte, que lhe assegura numerosos recursos sem os quais não poderá ter à disposição armamentos modernos. Necessita dispor de muito grande e sólida infra-estrutura econômica: minas, usinas, transportes...

A guerra revolucionária precisa junto à propaganda, sua arma principal, da fôrça e da economia. Uma propaganda que não se apoie na fôrça, está sujeita a tornar-se como uma voz que grita no deserto. Essa fôrça, porém, atua principalmente por sua presença, mais do que pela sua potência e volume; não tem necessidade de uma infra-estrutura material considerável. A fôrça, na guerra revolucionária, é a armadura de um arcabouço de materiais flexíveis os quais são, admitindo o confronto, a ação psicológica e a organização social, adaptada, com algumas modificações apropriadas, às necessidades do tempo de guerra.

No domínio da organização militar, é normal que a guerra nuclear, à base de armas modernas, necessite de especialistas. Tende-se lógicamente para o exército de profissionais, enquadrados por pessoal de carreira.

Trata-se de ferir rápido e com precisão, com maior rapidez e maior precisão do que o adversário; seria um suicídio, nessas condições, confiar armas de grande potência a um pessoal pouco instruído, inexperiente. O número tem pouca importância, a qualidade é primordial.

Encontraremos, na guerra revolucionária necessidades inversas.

Quanto mais o exército se identifique com o país, quanto mais ele seja nacional pelo seu recrutamento, tanto melhor será impregnada a opinião pública e preparados os encargos no interior do corpo social. O enquadramento será, certamente, de profissionais, porque isto é inevitável, porém será, com mais vantagem, um enquadramento de partido especialmente educado para fazer uma guerra social e construtiva. Como os homens têm o mesmo valor quando têm armas comparáveis; é preciso que se disponha de superioridade numérica; para assegurar o valor do número, será suficiente um enquadramento de alta qualidade e algumas unidades de elite.

Organizações tão diferentes só podem aplicar métodos diferentes, em estratégia e em tática.

Um exército de profissionais é fatalmente pouco numeroso. Isto pouco importa, para o caso, se ele dispõe de meios para fazer sentir sua ação a longa distância, a partir de alguns pontos que lhe basta ocupar e manter sólidamente. Daí decorre uma estratégia que se apóia na posse de um sistema de bases que se cobrem reciprocamente, e uma tática cuja característica essencial consiste em operações de destruição, em incursões rápidas, efetuadas, tódas elas, a partir das bases. A posse das bases é indispensável; a ocupação e a conquista dos espaços intermediários são úteis, porém não imediatamente necessárias, elas se tornam um complemento e uma consequência dos sucessos das incursões.

Poder-se-ia comparar a estrutura sobre a qual se apóia a estratégia da guerra nuclear à de uma catedral gótica, apoiando-se sobre pilares e arcos em ogiva enquanto as paredes são apenas enchimentos que podem, sem inconveniente, ser rompidas em largas aberturas.

Porém a da guerra revolucionária comparar-se-ia melhor à ossatura dum a catedral romana, apoiando-se sobre paredes espessas com poucas janelas. Não pode haver guerra revolucionária sem ocupação efetiva do terreno geográfico e do terreno social. A estratégia do sistema de bases, se opõe à estratégia da ocupação de extensões tão vastas quanto possível e que se ampliam graças a uma tática de operações de conquista.

Na guerra nuclear, os sucessos estratégicos precedem e condicionam os sucessos táticos; na guerra revolucionária, estes precedem e condicionam aqueles; também a manobra é mais simples e mais facilmente adaptável às condições do momento na segunda do que na primeira.

Finalmente, não se pode conceber a guerra nuclear sem uma potente aviação ou, talvez, logo de início, sem uma gama completa de engenhos-foguetes.

A aviação é a arma principal, à qual as demais são subordinadas quer se trate de forças terrestres ou de forças navais.

Na guerra revolucionária o que principalmente interessa, ao chefe, é a infantaria, a arma de ocupação do terreno e do contato humano, a infantaria e suas armas leves; em torno dela se devem estabelecer e organizar-se as outras armas porque, tódas, direta ou indiretamente, estão a seu serviço.

\* \* \*

Quais são as condições políticas e as consequências econômicas das duas formas de guerra que compararmos?

Um sistema coerente de bases estratégicas só pode ter valor se concebido e realizado numa escala mundial, o que exige, no estado atual do mundo, uma política de coalizão e conduz a uma guerra generalizada. Pode-se objetivar uma guerra limitada que seria nuclear desde que utilizasse engenhos modernos, porém, esta não seria a guerra nuclear que nós estudamos. Logo, toda guerra nuclear só pode ser conduzida por dois "Grandes" acompanhados dos seus respectivos cortejos de satélites e aliados. Uma vez desencadeada, poderá ela ser detida?

É lógico acreditar que a existência das armas nucleares é, atualmente, uma segurança para a paz, entretanto seria ilusório pensar que os governos, no caso de se decidirem a utilizá-las, não irão até o limite dos seus meios e de suas possibilidades. É preciso que a pergunta seja examinada objetivamente.

A guerra revolucionária não obedece a nenhum imperativo deste gênero. Ela se ajusta às coletividades que estão motivadas pela conquista psicológica; esta motivação depende de mil condições que não se podem encontrar simultaneamente reunidas em todo o globo terrestre.

Ela é, portanto, progressiva; satisfaz-se com conflitos locais; visa a um objetivo afastado; aplica um plano cujas linhas mestras são imperativas, porém cuja execução pode variar segundo as ocasiões e a oportunidade. Pode admitir uma paz de compromisso que só provisoriamente regula as divergências, porém cria uma situação mais favorável ao reinício da luta de modo diferente da situação inicial.

Enfim, a guerra nuclear é tudo ou nada. A guerra revolucionária procede por etapas avaliadas e sucessivas.

Acredita-se, geralmente, que as guerras externas são mais desastrosas que as guerras civis. A história mostra, ao contrário, que elas causaram em geral, menos ruínas e menos perdas humanas. Poder-se-ia concluir que a guerra revolucionária seria mais nociva que a guerra nuclear, porém esta conclusão não levaria em conta as imensas possibilidades de destruição das armas modernas e as dificuldades de proteção.

A guerra nuclear será realmente muito mais desastrosa do que a guerra revolucionária que, de certo modo, pode ser conduzida de maneira a evitar um excesso de perdas e devastações inúteis. Da mesma forma a guerra nuclear seria seguida de um longo período de reconstrução que necessitaria o dirigismo intransigente na economia, antes que essa pudesse se converter livremente e retomar seu ritmo normal do tempo de paz. Pode-se pensar que a duração do período de reorganização seria menor depois de uma guerra revolucionária e que a construção de uma nova ordem, durante as hostilidades, torná-la-ia menos difícil.

Enfim, pode-se ajuntar a estas considerações, o argumento de que a guerra nuclear poderia eventualmente ser regulamentada, visando a suprimi-la, mediante acôrdos internacionais. Sua monstruosidade é evidente. Deve sempre subsistir a esperança de ver, um dia, as conferências de desarmamento chegarem a uma conclusão favorável, mesmo parcialmente. Os tratados internacionais, os mais solenemente subscritos, são aplicados quando a guerra se desencadeia? É possível, porém em última análise, sua existência concretiza um conceito moral cuja violação é delicada. Contudo pode-se regulamentar a guerra revolucionária? É, ainda, muito mais improvável que a regulamentação da guerra nuclear. Por sua natureza ela escapa a uma codificação.

Poder-se-ia mesmo dizer que ela se aproveita das leis estabelecidas e se apóia muitas vezes sobre regras de moral para se justificar. Ela é feita em grande parte de argúcia e de chicanas.

A guerra nuclear não se presta a nenhum equívoco. A guerra revolucionária é o equívoco permanente.

Aqui chegamos ao término da comparação que tínhamos empreendido e cujo resumo está contido no quadro seguinte:

Assunto	Guerra nuclear	Guerra revolucionária
Método .....	Violência	Persuasão
Forma geral .....	Guerra externa Combate frontal Esperança de uma guerra curta	Guerra civil Combate confuso, sem frente definida Previsão de guerra longa

Assunto	Guerra nuclear	Guerra revolucionária
Principal meio de ação.....	Fôrças armadas	Propaganda
Condições iniciais .....	Virtual poderio bélico considerável Importância da infra-estrutura material	Virtual poderio bélico relativamente fraco Importância da infra-estrutura psicológica
Organização militar .....	Exército profissional Enquadramento de profissionais Procura da superioridade qualitativa	Exército nacional Enquadramento de partido Procura da superioridade quantitativa
Estratégia e tática.....	Estratégia do sistema de bases Tática de incursões de destruição Importância dos sucessos estratégicos Rigidez relativa da manobra	Estratégia de ocupação total Tática de operações de conquista Importância dos sucessos táticos Flexibilidade relativa da manobra
Armamento e armas preferidas .....	Armas modernas de grande potência Aviação	Armas clássicas leves e aperfeiçoadas Infanaria
Condições políticas .....	Guerra de coalizão, hostilidades generalizadas Realização em um único tempo Paz, mediante submissão de um dos belligerantes	Sucessão de guerras bimiladas Realização por etapas sucessivas Possibilidade de paz mediante compromisso
Consequências econômicas .....	Acumulação de ruínas e de destruições em grande amplitude Após a guerra: importância e duração longa da reconstrução e da reconvertção	Possibilidade relativa de limitação das ruínas e das destruições Após a guerra, possibilidade de um retorno mais rápido à vida normal do tempo de paz

Por ter sido apresentada assim sob uma forma abreviada, nossa comparação certamente parecerá apenas esquemática e, talvez, artificial. Poderá parecer que se nós tivéssemos desejado provar a inconvertibilidade das duas formas de guerra não teríamos procedido de maneira diferente. O resultado para o qual tendemos não é, entretanto, o de uma tese pré-estabelecida, para a qual nós teríamos procurado argumentos.

De resto, as conclusões que serão tiradas desta comparação mostrarão, suficientemente, que nenhuma idéia preconcebida nos guiou.

A primeira dessas conclusões é que cada uma das duas formas de guerra corresponde a um "sistema" completo que se basta a si mesmo. Pode-se perfeitamente imaginar uma guerra nuclear ou uma guerra revolucionária, sem constatar a necessidade de recorrer às condições de uma para completar as da outra.

A segunda conclusão é que as duas formas de guerra não se excluem, apesar da aparente oposição entre as condições que elas exigem ou as consequências que elas produzem. Com efeito, pode-se empregar ao mesmo tempo a violência e a persuasão; a violência pode ser uma das modalidades da persuasão; a persuasão uma forma superior e sutil da violência. A experiência tem, suficientemente, demonstrado que uma guerra civil e uma guerra exterior se podem desenvolver simultaneamente; o combate confuso, sem frente definida, não elimina o combate frontal; as forças armadas são um elemento poderoso de propaganda. A posse de uma ampla infra-estrutura material não exclui a de uma profunda infra-estrutura psicológica. Um exército de profissionais pouco numeroso e muito treinado não impede jamais a constituição de um exército nacional, do qual ele é o núcleo. A posse de bases estratégicas não se opõe a ocupação permanente dos espaços intermediários.

Seria fastidioso, porém fácil, retomar assim uma após outra as linhas do quadro acima, e mostrar que as condições opostas que aí figuram não são inconversíveis.

Pode-se, então, simultaneamente preparar e realizar as duas guerras. Porém é difícil combater seus elementos, porque são de naturezas diferentes. A guerra total é, portanto, mais a soma que a combinação da guerra nuclear e da guerra revolucionária; é mais a superposição do que a síntese delas.

Ouve-se dizer, freqüentemente, que entre guerra nuclear e guerra revolucionária é preciso fazer uma escolha. Pensamos que nossa demonstração infirma uma tal proposição. Não há escolha a fazer, por duas razões: a primeira é que a possível coexistência das duas formas de guerra tornaria tóda escolha aleatória e perigosa, e a segunda é que os beligerantes eventuais atualmente se preparam para uma e para outra e fariam, se fôsse o caso, uma e outra.

Essa será a terceira conclusão a que chegaremos da nossa comparação. Ela particularmente nos parece importante aqui, por isso que se trata, em última análise, de doutrina. Os militares dedicaram durante muito tempo tóda sua atenção à guerra nuclear ou, mais exatamente, à difícil combinação tática das armas novas com as armas clássicas; por muito tempo descuraram — ou, talvez mesmo, menosprezaram — a guerra revolucionária. Por fim o desenvolvimento da guerra fria e mais ainda as indiscutíveis experiências das campanhas em ultramar fizeram com que êles se inclinassem para esta modalidade de guerra. Como compensação e por uma reação humana muito natural, êles têm sido levados, de vez em quando, a não se preocupar com a guerra nuclear.

Passando de um extremo ao outro, êles têm sido periódicamente partidários de uma ou de outra. Não há partido a tomar, porque não se trata de questão escolar. É suficiente constatar o fato de que a guerra nuclear e a guerra revolucionária se completam e se somam na guerra total para só ter em vista a preparação e a execução desta.

\* \* \*

De que forma apresentar-se-á a guerra total se ela é, como acabamos de escrever, a soma e a superposição da guerra nuclear e da guerra revolucionária?

Como as condições de guerra revolucionárias estão próximas das de vida normal porque não se distinguem pelas rivalidades e tensões do

tempo de paz, e, sim, pelo recurso à força — o que, de resto, evidentemente impõe modificações na dosagem dos meios empregados — é a guerra revolucionária que forma o primeiro estágio dessa construção de dois degraus que é a guerra total. Na guerra total é a guerra revolucionária que apóia a guerra nuclear, constatação que permite, desde já, fazer-se uma idéia do seu valor, e compreender-se também, porque é mais provável no caso em que uma única forma de guerra seja realizada, que seja a primeira e não a segunda a mais frequente.

Efetivamente, ela é, como indicamos, menos custosa, mais fácil de ser conduzida, mais difícil de ser condenada, poder-se-ia quase dizer menos fácil de ser revelada sua existência. Nas condições atuais das relações internacionais, sua natureza equivoca permite a agressão disfarçada, o que a guerra nuclear evidentemente não tolera. Ela é, também, menos arriscada. Por tódas essas razões, ela constitui uma espécie de prelúdio da guerra nuclear que, salvo o caso de ser deliberadamente preventiva, tem necessidade de uma preparação justificadora.

Um conflito nuclear parece que só pode nascer sobre uma base mais ou menos pronunciada de guerra revolucionária. Após o envio recíproco de projéts modernos e — suponhamo-lo — após o consumo da totalidade nos depósitos existentes, ela pode continuar ou recomeçar, explorando os efeitos da guerra nuclear nos domínios moral e material.

O ato nuclear, se não é decisivo desde as primeiras horas ou desde os primeiros dias, pode, portanto, ser descontínuo; o ato revolucionário é permanente. O emprêgo recíproco de engenhos nucleares modifica os elementos da guerra revolucionária permanente.

O primeiro corresponde à estratégia da guerra total, o segundo à sua tática; o primeiro corresponde ao momento de crise da batalha, o segundo à rotina diária do combate.

Quando se fala em batalha nuclear e combate revolucionário, evidentemente se está esquematizando e simplificando; serve-se de expressões que se prestam a várias interpretações e que devem ser compreendidas aqui no sentido que lhes empresta o contexto. Porém, por mais imperfeitas que sejam, estas expressões nos parecem dar uma idéia suficiente dos fatos e não traír a realidade previsível. Elas permitem também, sem dúvida, explicar de maneira clara que as duas formas de guerra podem coexistir da mesma maneira que podem ser realizadas isoladamente. O combate é suficiente para ganhar a guerra revolucionária; o que se chama "batalha" não é senão o grupamento arbitrário de um conjunto de combates que se realizam simultaneamente em uma mesma região. Porém, atualmente, é possível realizar a batalha diretamente sem que seja precedida de fases preliminares que davam, outrora, lugar a uma série de combates; o dispositivo de um "sistema de base" é um dispositivo de ataque ou de defesa, que não exige prèviamente nem marcha de aproximação, nem tomada de contato, nem reconhecimentos preparatórios.

As disposições para o combate ou para a batalha podem ser tomadas separadamente, não exigem combinações estreitas; necessitam evidentemente de uma coordenação geral no escalão da direção suprema.

Dessa forma, parece que a estratégia e a tática, cujas fronteiras têm permanecido até hoje imprecisas, podem ter agora cada uma seu domínio próprio e suas regras particulares, sem que haja concorrência recíproca. Contudo torna-se necessário precisar este ponto, porque é um daqueles sobre os quais se poderia erguer uma *doutrina de guerra total*.

Considerou-se, até hoje, que a estratégia era tarefa dos escalões mais elevados e a tática a dos escalões subordinados; se isto não era uma verdade aproximada, por isso que a estratégia e a tática se interpene-travam praticamente.

Assinalou-se, de outro lado, que a guerra moderna parecia dar a um escalão determinado uma missão que, anteriormente, teria incumbido a um escalão de outro nível; sobre esse assunto é suficiente lembrar que a ação entre armas tem descido a escalões cada vez mais baixos e, ao contrário, a combinação entre exércitos tem se elevado a níveis cada vez mais altos. Situação material que possibilita confundir ainda mais estratégia e tática.

O aumento da velocidade de deslocamento e de alcance das armas, a semelhança das grandes reações psicológicas decorrentes da difusão de notícias e de rumores, a generalização da propaganda, agem em conjunto modificando o conceito de distância e reduzindo o tempo, dando-lhes novos valores, diferentes daqueles que tinham antigamente. Nestas condições, um teatro de operações pode ser considerado como um só campo de batalha, da mesma forma, sem dúvida, que um teatro de guerra. Lá onde antigamente se tinha o espaço suficiente para combinar direções, repartir judiciosamente os esforços entre elas e onde se podia fazer estratégia, se está reduzido a agir sobre uma única direção, a conduzir uma ação principal com o apoio de suas ações complementares de preparação, de proteção e de acompanhamento, na medida em que são necessários; logo, a realizar operações que, por sua forma, parecem operações táticas.

Só no escalão de direção suprema, onde se dispõe de meios poderosos de grande raio de ação é que ainda se pode verdadeiramente consagrar-se à estratégia.

Em resumo, seremos levados a escrever que no teatro de operações se conduz um combate, no teatro de guerra uma batalha e na direção suprema a guerra total.

Compreendemos bem o que uma expressão tão esquemática de nosso pensamento pode ter de exagerado e nós não atribuímos valor aos termos estratégia e tática senão na medida conveniente para caracterizar os fatos. Esses são mais importantes que as palavras e esperamos não os deturpar exageradamente.

Parece-nos, dessa maneira, que a guerra total e suas componentes — a guerra revolucionária e a guerra nuclear — estão situadas, umas em relação às outras, em uma mesma disposição.

Se o ponto de vista que apresentamos for admitido, resta-nos ainda, entre numerosas perguntas que ele sugere, precisar uma delas. Poder-se-ia pensar que a guerra nuclear e a guerra revolucionária, se superpondo uma a outra na guerra total, possam ser preparadas e conduzidas no interior de uma coalizão, por potências diferentes. É uma opinião que já tem sido afirmada e que a situação atual parece, de resto, sancionar. Ela nos parece, ao mesmo tempo, simplista e perigosa.

É evidente que alguns países, em virtude de sua situação geográfica ou por sua sensibilidade particular às iniciativas psicológicas, parecem mais indicados que outros para servirem de teatro à guerra revolucionária, como determinados indivíduos são mais predispostos que outros para contraírem certas doenças; é normal, portanto, que elas dêem prioridade, entre seus cuidados atuais, à proteção contra os perigos que no momento os ameaçam mais diretamente. Neste assunto a sensibilidade

psicológica é mais determinante que a posição geográfica; esta só tem importância em relação à direção provável de ataque do inimigo eventual e, se a sensibilidade psicológica é fraca, é lógico pensar, que o inimigo escolherá uma outra direção de esforço ou desviará de forma oportuna aquela que havia inicialmente escolhido. Ora, a sensibilidade psicológica é uma variável que pode ter grandes amplitudes; não se pode, então, estabelecer cálculos sobre ela da mesma forma que sobre um elemento estável de apreciação. Conclui-se que um país que se considerasse visado mais particularmente pela guerra revolucionária e adotasse providências necessárias para fazer-lhe face, poderia perfeitamente tornar-se um objetivo de guerra nuclear, se o inimigo não o julgasse suficientemente preparado por uma ação psicológica.

Reciprocamente, um país que se acreditasse suficientemente forte para não ter que se prevenir senão contra a ação nuclear poderia encontrar-se rapidamente em situação de ser atacado pelos métodos revolucionários.

A guerra total, se bem que constituída de dois elementos, forma entretanto, um todo.

Mesmo no interior de uma coalizão tão unida quanto possível, não se pode deixar a um terceiro o cuidado da preparação e da execução de uma de suas partes. Os países que só dispõem de fraco potencial estão, em consentânea, condenados a ser tão-somente satélites dos países mais fortes, até o momento em que o armamento nuclear se torne banal e de fabricação pouco custosa.

Dêsse primeiro artigo, reteremos a seguinte conclusão a fim de explorá-la ao tratar mais diretamente da doutrina: a guerra total é a soma da guerra nuclear e da guerra revolucionária, das quais a primeira representa esquematicamente seu aspecto estratégico e a segunda seu aspecto tático, entretanto as duas formas de guerra podem se satisfazer cada uma a si mesma e a guerra revolucionária se presta facilmente para ser empregada por um agressor.

Ser-nos-á preciso, em um segundo artigo, examinar as condições nas quais poderia ser elaborada uma doutrina militar que corresponesse às exigências da guerra total (\*).

(\*) O segundo artigo será publicado oportunamente.



*"A Estratégia diz respeito à consecução dos objetivos e a Doutrina, ao emprêgo dos meios."*

RAYMOND L. GARTHOFF.

*A Guerrilha é uma arma de grandes possibilidades e relativamente barata, adaptável às guerras clássica e nuclear. Seu emprêgo simultâneo no início das outras operações deve ser planejado desde já.*

Relativamente à Organização das Unidades, propõe o articulista cinco medidas essenciais para obtenção da mobilidade:

- a) O grupo de combate ou peça deve possuir um veículo orgânico, blindado, para qualquer terreno, e um bom aparelho de rádio.
- b) O sistema de grupamento tático existente na DB americana deve ser mantido.
- c) Aligeiramento da logística:
  - a viatura do grupo de combate pode transportar a carga básica e a reserva de rações para toda a missão;
  - os depósitos gerais devem ser numerosos e dispersos em toda a zona de combate;
  - deve ser generalizada distribuição às unidades, por terra ou pelo ar.
- d) O sistema de comando no escalão-divisão e subordinados deve ser mais direto.

"Que os historiadores do futuro jamais tenham razões para atribuir o destino da nossa nação à irresponsabilidade ou à rigidez. Que nunca apoiemos nossa existência nacional numa "Linha Megaton" ou "Maginot" — esteja ela no mar, no ar ou em nossas mentes.

No rumo deste anseio, chegamos ao primeiro ponto de referência para a compreensão da doutrina do Exército. Nem absoluta nem rígida, esta doutrina não prega a solução única nem formas inalteráveis de defesa nacional. Não agasalha a ilusão narcisista de que as forças terrestres sózinhas podem executar a nossa política nacional a despeito da ameaça multidimensional apresentada pelo nosso inimigo natural.

A doutrina do Exército é a das TRÊS FÔRÇAS ARMADAS.

A nossa doutrina das três forças admite toda a gama de hipóteses de guerra — não só as que se derivam das nossas possibilidades militares a objetivos nacionais, mas as que surgem das possibilidades e objetivos nacionais do inimigo".

(Trecho da Conferência pronunciada na Escola de Alto Comando da Força Aérea dos EUA, a 11/XII/1957, pelo General Willard G. Wyman, Cmt do Comando Continental do Exército EUA.)

"Devemos imbuir cada homem de nosso Exército das tradições e da importância da Unidade em que está servindo. Ele deve sentir os laços com o passado, a ligação com o presente e a necessidade de progresso no futuro. Só então compreenderá que no Exército, e particularmente em sua própria Unidade, sentirá satisfação em servir com seus estimados camaradas, ajudando a preservar as gloriosas tradições históricas e, ao mesmo tempo, participando do desenvolvimento de idéias modernas e progressistas".

Ten-Gal WALTER L. WEIBLE.

## II — ORGANIZAÇÃO

### A GUERRA MODERNA E A ORGANIZAÇÃO MILITAR BRASILEIRA

Cel ALVARO LUCIO ÁREAS,  
Instrutor da ECENE

#### NOTA DO REDATOR:

Encarecemos a atenção do leitor para o tema desenvolvido pelo Cel. Arêas, da maior importância para os dias que correm; quando, não apenas as estruturas organizacionais seguem, atreladas à máquina técnico-científico-industrial, mas sobretudo a própria Doutrina de emprego das forças. Quando as Forças Terrestres das Nações Ocidentais, assim como os Exércitos libertados pela Rússia, buscam exhaustivamente uma solução para a Guerra, atómica ou não, local ou generalizada — e ai estão as inúmeras formações em estudo — eis que uma dívida angustiante salta ao nosso espírito, no sentido de como ficaremos nós, as Forças Terrestres sul-americanas.

Como atenderemos às missões constitucionais, de manutenção da ordem interna e defesa do país contra qualquer agressão exterior, ampliado o conceito pelos compromissos regionais e no quadro do mundo ocidental? Para que estruturas organizacionais evoluir, nós sul-americanos? Diretamente para o que entendem as potências mais industrializadas, ou, ao contrário para uma solução doméstica, regional, que rapidamente possa evoluir para outras soluções mais poderosas?

Éis alguns pontos que serão abordados de modo altamente objetivo e visando precisamente à Realidade Brasileira. E quem o faz está em excelentes condições para tal mister, que o Cel. Arêas desempenha função do maior relevo na ECENE.

A. RAVOSO FUNO,

Major.

1. A atual revolução que os novos meios disponíveis provocam nas forças armadas não é um fenômeno novo. Em toda a história das Organizações Militares essas crises de mutação apareceram como uma verdadeira constante. Apenas, essa é a crise nossa contemporânea e, por isso, parece-nos a maior e mais completa, a fundamental; mas ao fim das contas ela é, tão simplesmente, a nossa crise.

Quem nos pode afirmar que a generalização do emprego da pólvora não tenha provocado entre os militares de então, a mesma sensação que a eclosão da era atômica provoca em nossos dias? Foi uma crise, mas foi superada. O navio a vapor, a máquina de explosão, a metralhadora, a pólvora química e o avião, foram crises que, para os seus contemporâneos, acarretaram os mesmos problemas de readaptação e organização que hoje enfrentamos.

Poder-se-ia dizer que a amplitude do problema é maior; mas guardadas as proporções de relatividade dos meios de toda ordem, disponíveis em cada uma das épocas em que essas crises eclodiram, para seus solucionadores, foi sempre a crise magna e provocou reações similares às de hoje: desânimo, insegurança, reação estática ou excesso de conjecturas, ou apenas consciência da necessidade de adaptar-se, de acordo com as possibilidades de cada organização ou povo.

A reação estático-negativista tem principalmente a apoiá-la o espírito de rotina que é uma defesa normal contra as necessidades de começar de novo; e não se manifesta apenas no problema de organização militar. Reage igualmente contra um novo meio de transporte, de ditusão, de divertimento, de iluminação e até de novo itinerário para uma condução a que já estamos fundamentalmente habituados.

É uma reação a esperar e a contar, mas que tem sido sempre vencida, com maior ou menor demora, dependendo isso, particularmente, de menor ou maior pressão dos acontecimentos externos.

No âmbito planejamento cabe ao setor militar responsabilidade maior que a qualquer outro, pois, se o organismo militar falhar no momento sempre imprevisível de seu emprego em defesa da Pátria e das Instituições, falharão todos os demais planejamentos, que a derrota militar é hoje a derrota integral da Nação e a suomersão completa de todo o seu sistema econômico, social e político.

Razões que parecem bastantes para que todos que de alguma forma, por mais simples que seja, estejam ligados à organização militar, devam colaborar com sua integridade, seu esforço, seu estudo, suas impressões, suas ideias a fim de fornecer elementos de todas as fontes para facilitar o trabalho reorganizador do Alto Comando.

2. As diferenças fundamentais sob o aspecto de emprego entre a já antiga Divisão de Infantaria e a moderníssima pentomática, como uma decorrência do aumento fabuloso do poder do fogo, com o emprego de armas atômicas, residem particularmente na articulação da DI em cinco elementos equivalentes e aptos a agir separados, sem que a eliminação de um deles, ou de mais de um, acarrete incapacidade operativa aos restantes e reside, ainda, no conceito de amplitude de decisão do comando da GU.

Enquanto que na DI típica de três Regimentos a decisão nada mais é que o dispositivo a adotar para "executar" a manobra, quase toda desenhada pela missão, em que todos os elementos são praticamente impostos, na nova DI cabe ao seu comando conceber por completo a manobra, dentro de uma finalidade geral, que é a forma que ora toma a missão.

3. No Exército Norte-Americano, seus quadros de EM procuram base de similitude de raciocínio, no emprego que vinham fazendo da Divisão Blindada. Entre nós, no que se refere ao problema de "Concepção

da Manobra" o estudo da DC e máxime o da antiga DC quaternária, joga-  
ndo com suas duas Brigadas Hipo, a 2 RC, seu Regimento Mecani-  
zado e seu Regimento Motorizado, agindo, por motivos embora opostos  
aos da DI Pentônica, em espaços e com intervalos similares aos nec-  
essários a esta última, foi e é uma sólida preparação para o emprêgo da  
nova Unidade, sob esse aspecto de "Concepção de Manobra", dentro de  
uma "Finalidade", e em "Largos Espaços".

Quanto ao emprêgo judicioso dos novos meios de fogo ou das pre-  
cauções a tomar contra eles, é uma questão de difusão de conhecimen-  
tos técnicos, hoje facilitada ao extremo, inclusive pela filmoteca já exis-  
tente e disponível para nós e de um pequeno manual ilustrado, de di-  
vulgação rápida e estudo obrigatório em todos os escalões, o que não  
passa de ato normal de comando. Posteriormente um novo Regulamen-  
to de Operações dará cobertura geral a esta preparação.

4. Sendo a parte doutrinária e de técnica de emprêgo da nova Di-  
visão assim acessível, onde reside a verdadeira dificuldade? No orga-  
nismo a empregar e nos meios disponíveis.

Não se dirá que o estudo seja puramente teórico e que não merece  
ser levado a efeito sem que se disponha da unidade experimental. Mas,  
dentro de um período de paz e num país pacífico, sem pretensões bé-  
licas e que apenas cumpre o seu dever de manter-se em condições de  
defender sua liberdade e suas instituições e convicções, nunca tivemos  
em pleno vigor, durante a paz, os organismos militares que servissem  
de instrumento executante à doutrina em curso, qualquer que tenha sido  
a época de nossa evolução militar.

O que é indispensável é que existem unidades de formação ou nú-  
cleos de instrução, de possível transformação pela mobilização, em uni-  
dades de combate verdadeiras.

Dificuldades só existirão se os núcleos de tempo de paz forem de  
tal forma diferentes das unidades teóricas de instrução ou de emprêgo  
prático mobilizadas ou não, que não permita a passagem do "pé de paz"  
para o "pé de guerra" por simples expansão, e sim exija transformação  
completa e de base. Outro inconveniente de uma doutrina bem moderna  
e organizações de paz antiquadas seria a descrença numa ou noutra ou  
em ambas por não encontrar o oficial, de qualquer escalão, um elemen-  
to de tropa, mesmo embrionário, com que pudesse praticar a doutrina,  
ainda que em forma rudimentar e incompleta, como aliás é normal com  
as organizações de paz.

5. Pelas considerações expostas, cabe agora sugerir um tipo orga-  
nizacional que possa substituir a nossa atual DI, e ser organizado, com-  
pleta ou parcialmente, de acordo com as necessidades de várias ordens,  
em substituição às atuais, mas que deixe entrever seu aparelhamento a  
qualquer momento, para emprêgo com ou sem equipamento atômico, e  
isso sem lhe fraturar a estrutura de base nem obrigar a modificações de  
conceito de emprêgo.

A existência ou não de material atômico, fará variar no emprêgo  
prático das unidades as distâncias, os espaços, os intervalos, as frentes  
e as profundidades, mas não a forma, que esta sim, será básica para  
o raciocínio que preside o emprêgo da unidade.

Com a GU ora em vigor não cabe o emprêgo da doutrina moderna.  
O instrumento não condiz nem com doutrina ofensiva moderna, nem  
com as possibilidades de resistência a forças modernas. Suas ligações

de comando, sua estrutura funcional, seu sistema logístico, tudo foi criado para atender à doutrina da última guerra; mas essa doutrina já não pode vigorar; foi ultrapassada e, se o foi em pouco tempo, é que o progresso técnico é hoje muito rápido e a nós nos cabe obedecer ao velho axioma: "adaptação ou desaparecimento".

6. Fundamentalmente, em que repousa a grande diferença organizacional entre a DI tipo "pós-guerra" ou mesmo a DI da Guerra (Tipo FEB) e a Pentônica?

a) Nas variações imensas de potência de fogo, real ou potencial, foi necessário constituir a GU com um número maior de elementos idênticos e praticamente capazes de agir autônomos; dentro de uma finalidade geral — e de subsistir com valor combativo cada um desses elementos, mesmo com o súbito desaparecimento dos demais, no todo ou em parte.

b) Num aligeiramento geral das partes integrantes e do todo, em benefício da mobilidade e da sobrevivência em caso da crise logística.

c) Num sistema múltiplo e muito amplo de comunicações, para assegurar permanência dos laços táticos.

d) Numa capacidade especial de ocupação do terreno e amplitude de zona operativa muito maior que a da atual DI de três elementos.

e) Numa amplificação da capacidade de provimento de sua própria segurança com a previsível e quase sistemática ausência de apoio próximo de unidades vizinhas, tudo implicando em maiores possibilidades de reconhecimento e vigilância.

7. Estabelecidas essas premissas, que outros problemas afetariam a reestruturação?

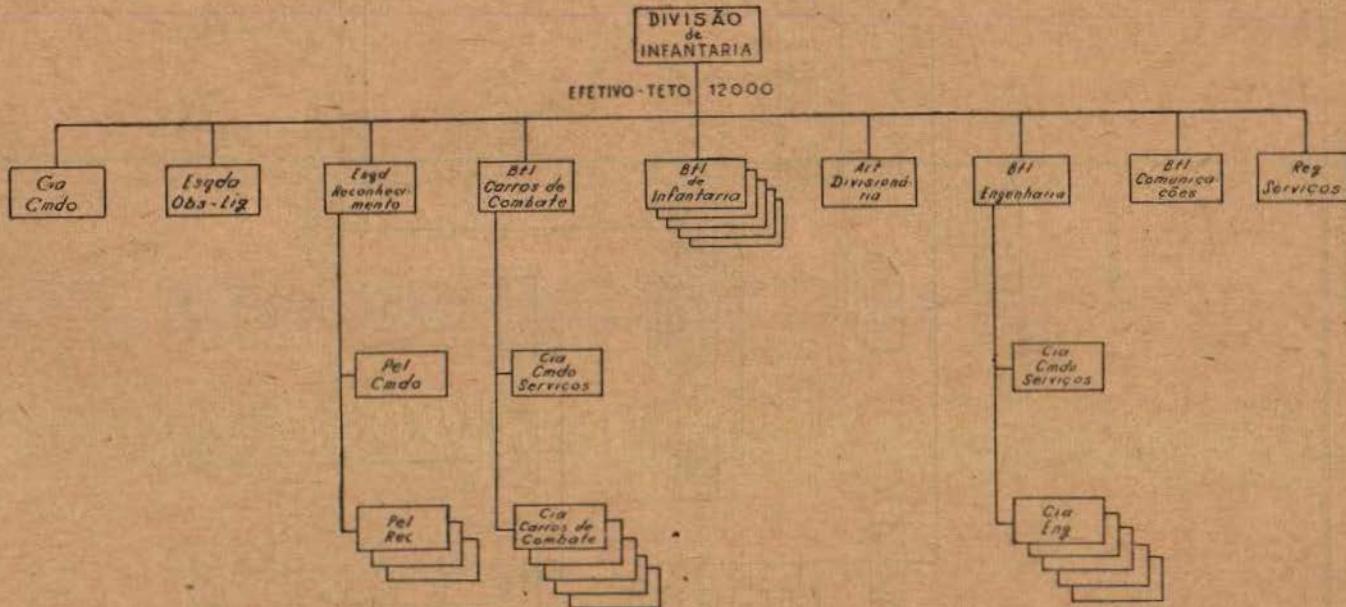
a) O da tradição de nomenclatura. Mas esse é facilmente remediável porque nada impede que o novo elemento a substituir o GT ou o RI, tenha um novo nome — Grupamento de combate, ou um mais específico — Brigada, ou mantenha o título de Regimento, ou ainda o substitua pelo de Batalhão. Não será esse o impecilho.

b) O de dotação de equipamento moderno. Organizada a unidade com meios modernos dentro do exequível com os recursos possíveis de obter, embora não os verdadeiramente desejáveis, sua instrução pode ser feita e sua eficiência assegurada para o caso de emprego moderno, embora não atômico (como o foi a instrução de emprego e defesa contra gases entre as duas grandes guerras, embora o gás não fosse empregado na 2ª), e assim criada a mentalidade de emprego moderno que é a arma essencial.

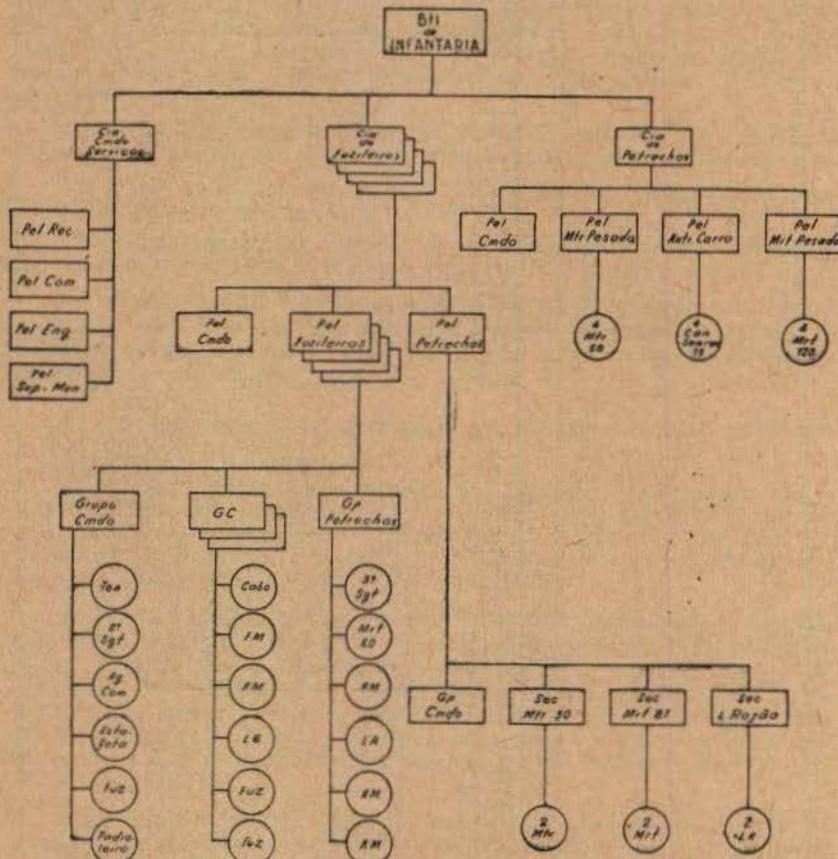
Cabe lembrar que trabalhando entre duas guerras com carros de combate de madeira — "ersatz", o exército alemão fez a mentalidade "panzer", e já não se propõe mais "ersatz" e sim o uso de meios menos poderosos e menos despendiosos.

Uma unidade lança foguetes que tenha material com alcance X e potência P, não atômica, está tecnicamente e mentalmente preparada para receber rápida instrução prática para empregar outras armas similares, com alcance X + Y e potência P(elevado a n) ou o próprio foguete XP com mudança de ojiva para XP(elevado a n).

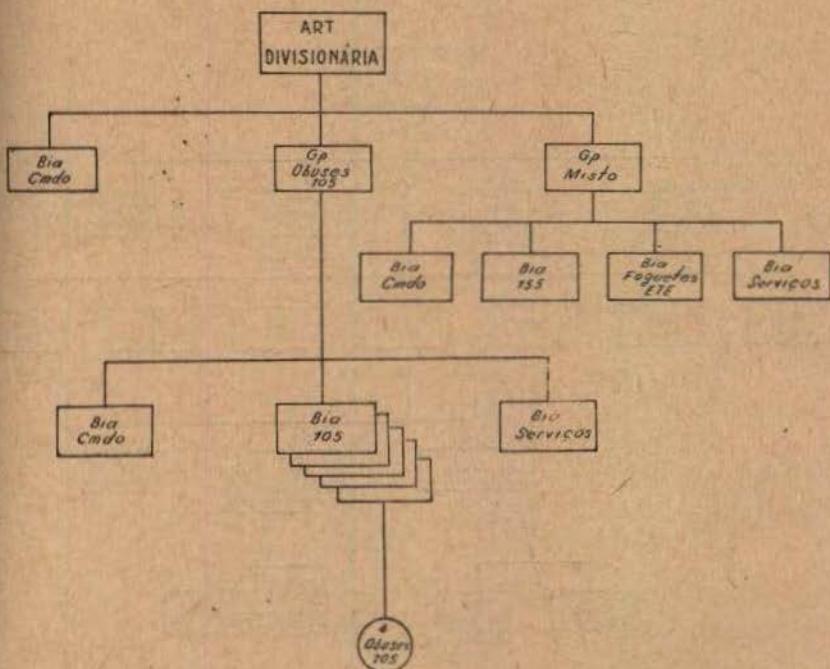
QUADRO 1



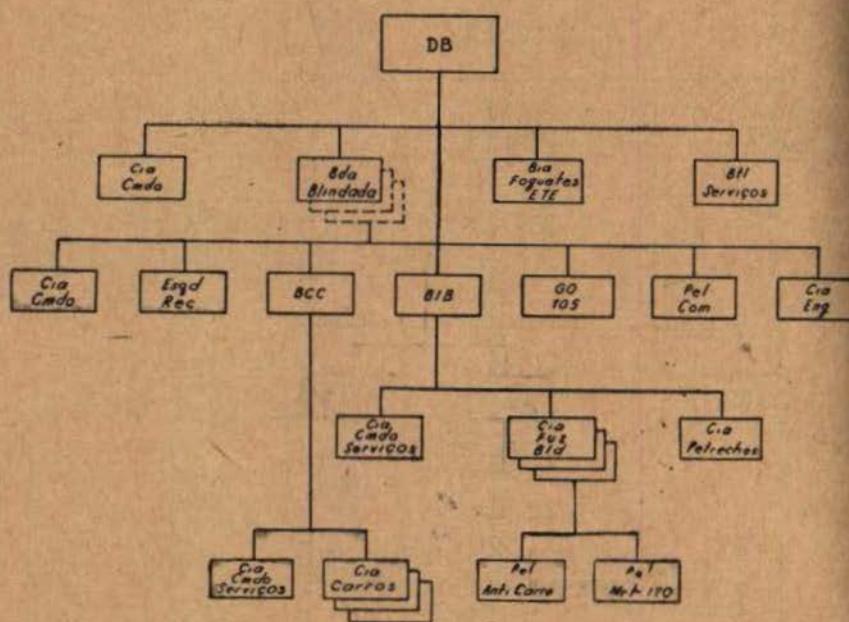
QUADRO 2



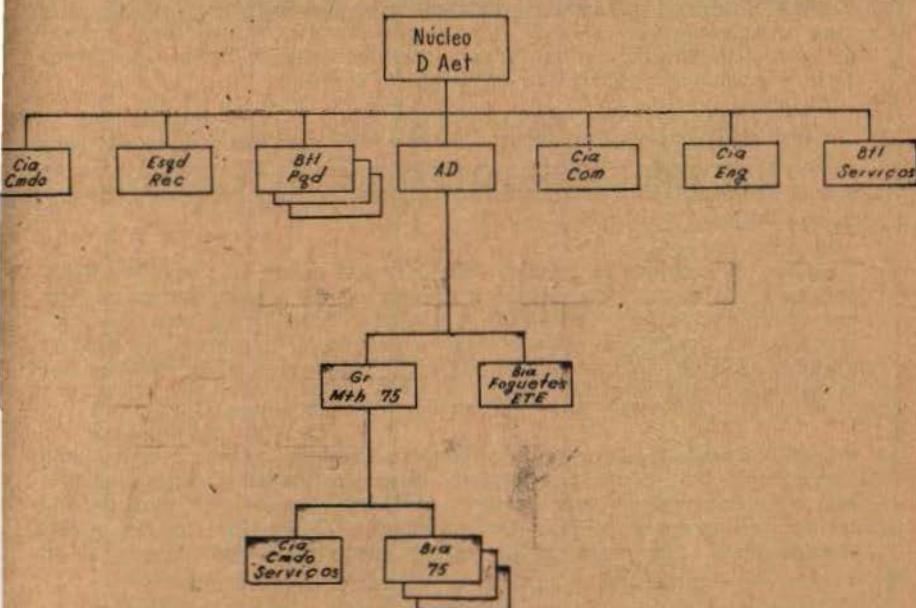
QUADRO 3



QUADRO 4



QUADRO 5



Uma unidade à base de cinco grupamentos semelhantes, permite ainda, em tempo de paz, a permanência nas fileiras de apenas um quinto dos elementos básicos, para satisfação de problemas orçamentais, podendo variar para a totalidade, sem prejuízo da eficiência da instrução dos elementos sob as armas, desde que o núcleo nas fileiras seja constituído, no mínimo de um Grupamento completo e que os órgãos divisionários existem efetivamente, o que não é difícil.

A própria localização atual das GU satisfaz; levando-se em conta que, dadas as diferentes finalidades das forças armadas previstas na Constituição, alguns elementos como os atuais BC sejam transformados em órgãos Regionais e não Divisionários, muito embora, possam readaptar-se para organização similar e dos BI (ou RI conforme o nome que tomem) das DI e assim, em caso de crise, recompletar por unidade a GU.

8. Baseada na organização pentômica, poderíamos então sugerir uma organização para a DI Brasileira, não importando que tome o nome de Pentagonal ou mantenha apenas a denominação de Divisão de Infantaria sem maior especificação (Quadros 1, 2 e 3).

9. Quanto à DB, como GU de tempo de paz, não parece ser conveniente que exista, além da atuação de núcleo de instrução, à base de um Grupamento Blindado ou Brigada constituída, por exemplo, da seguinte forma (Quadro 4):

Tipo de unidade econômica, eficiente em ações de pequena envergadura e núcleo fundamental de instrução, ou de desdobramento conforme as circunstâncias e adaptação a qualquer nova forma, ternária, quaternária, ou pentagonal, sem obrigar à existência em tempo de paz, de grandes efetivos em material blindado, de alto preço e de modelos que se tornam rapidamente obsoletos.

10. Quanto à Divisão Aeroterrestre também parece ser bastante a existência de um núcleo operativo, capaz de funcionar como elemento básico de formação e com razoável eficiência em caso de conflitos internos ou operações que não exijam emprêgo de massas e meios muito consideráveis. Sua organização poderia ser, em tempo de paz a do quadro 5.

11. Para um Exército de tempo de paz, uma organização nessas bases modestas, permitiria um ajustamento à nova doutrina e processos modernos, sem sacrifícios econômicos para a Nação, com o máximo aproveitamento do que já existe, por simples adaptação evolutiva; sem ferir nossas tradições, mas colocando-nos em condições de ter bases para estudo, prática e emprêgo do que se está chamando: Guerra Moderna. A posse de meios atômicos não incidiria sobre nenhuma dessas unidades como fator de modificação completa, seria uma simples incorporação de meios mais potentes, a um organismo preparado mental e estruturalmente para recebê-los.

Restaria a questão da GU de Cavalaria, mas esse é outro estudo a fazer separadamente.